

2 LUGAR QUE ENCANTA/LUGAR QUE SE ESTRANHA

Em nossa experiência no mundo há mediações, dentre elas o lugar. Através dele nos relacionamos com o mundo, como frisa Relph em “Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar”, publicado em 2012. Em seu artigo, o geógrafo canadense aponta o que considera como aspectos do lugar. Entre os mencionados, destaco o lugar como reunião específica e única, pois aglutina experiências, significados e qualidades. “Qualquer parte sem nome que não reúna não é um lugar” (RELPH, 2012, p. 22). Nessa feição, lugar guarda a noção de especificidade e de abertura.

Os lugares, a depender dos encontros por quais passamos em uma vida, são capazes de encantar e de nos causar estranhamento. Para ser mais claro, os lugares se diferenciam entre si. Ninguém sabe qual sentimento pode surgir quando experienciamos um lugar. Diante de um primeiro contato com a diferença de lugar, comumente somos preenchidos por um encantamento/estranhamento, assim juntos porque os afetos podem estar conjugados. Em relação ao Rio de Janeiro, o colorido das aves, os matizes das flores, os sons da natureza, a topografia singular, são frequentemente responsáveis por inebriar viajantes, turistas e, por que não?, os habitantes da cidade. Encantam a musicalidade, hábitos curiosos e o despojamento de sua gente. Associam-se ao encantamento, portanto, o amor, a alegria, o aconchego. O mesmo ocorre com nosso casal, em seus primeiros dias em terras brasileiras passados na cidade. Na urbe carioca, causam estranheza aos Harpers os contrastes sociais, os barulhos urbanos e a convivência do que consideram como moderno com o que apontam como primitivo. Por outro lado, por vezes encanta a culinária estranha, e a surpresa por encontrarem aqui o que achavam só ter nos Estados Unidos ou na Europa denota etnocentrismo e um lugar concebido. Nesse sentido, tristeza, espanto e incômodo são sentimentos anexos a um estranhamento. O lugar que se experiencia, Rio de Janeiro, contrasta com sua medida particular, o lar (RELPH, 2012), com seus valores, estoque de conhecimento e experiência vivida. À vista disso, quando observam a cidade são golpeados por vários afetos, o que torna, na verdade, difícil essa separação entre estranhamento e encantamento.

Em “Lugar que encanta/lugar que se estranha” o casal Harper parece observar o Rio de Janeiro na comparação de seu lugar primevo com aqueles

subsequentes (POCOCK, 1981c). Os Estados Unidos da América, e suas variações escalares, intercedem enquanto terra natal, lar. A comparação se realiza entre os dois países em questão, entre casas que serviram à moradia, ruas, bairros, cidades, regiões, entes geográficos, como cadeias de montanhas e cânions, enfim, os lugares que os conectam ao país-natal. Reparem, observar inclui os sentidos, sem primazia de um sobre o outro, mas, principalmente, os afetos geografados atrelados à experiência.

Neste capítulo, são utilizadas o que denomino de “Cartas do Rio”. São quatro significativas correspondências remetidas da capital do país à época, logo após terem desembarcado do “*American Legion*”, no início do mês de setembro de 1925. O leitor vai notar uma transcrição expandida das cartas no texto, expressão do desejo de incorporar preciosas narrações e de privilegiar uma interpretação mais vertical do material em foco. Nessas traduções, também poderá ser vista a indicação da página correspondente no original, com vistas a uma conferência mais ágil. Isto posto, seguindo este nariz de cera, virão em sequência as Cartas 8, 9, 10 e 11. Após a leitura das cartas proponho uma interpretação agrupando certos assuntos em três seções: “Rio: lugar em grande motim de beleza”; “Lugar enquanto mistura: civilização moderna e civilização primitiva”; “Lugares em contraste: seus hábitos, seus costumes, sua gente”.

Em “Rio: lugar em grande motim de beleza” estão em tela o encanto do casal com as belezas de um panorama dadivoso e uma observação peculiar dos Harper, como se assumissem a postura de primeiros exploradores.

No subcapítulo “Lugar enquanto mistura: civilização moderna e civilização primitiva”, estão em foco os relatos apurados de estrangeiros que percebem as desigualdades sociais brasileiras lugarizadas no Rio de Janeiro.

Por vezes fica em evidência nas cartas uma abordagem bastante pautada na comparação, em que os lugares de origem de Roy e Evelyn servem de contraste a todos os outros. Sobre isso se empenha a terceira parte deste capítulo.

Dito isto, convido a todos a se transportarem para o Rio de Janeiro em setembro de 1925.

[Carta 8]

Rio de Janeiro, Brasil
12 de setembro de 1925. Sábado.

Caríssimos:-

Nós tivemos nosso primeiro vislumbre do Rio quando acordamos na quinta-feira às 05:30 a.m. e olhamos por nossa portinhola. Achamos que já estávamos ancorados no porto. Não havia luz ainda, e que emoção nos deu as luzes da cidade e todos os vapores etc. no porto. E que cenário quando a cidade se iluminou. Sem muito esforço pode-se ver como uma grande cidade tem crescido aqui onde a natureza proveu tal enseada. É como um enorme lago abrindo em um lado do oceano. É grande o suficiente para ancorar todas as frotas do mundo, Roy diz. Vários pequenos veleiros adicionaram um caráter pitoresco a cena. Dois pequeninos barcos a remo com belos jovens brasileiros neles vieram até o nosso navio e nos deram uma olhada. Isso me lembrou como os índios canoaram até o Mayflower quando os peregrinos chegaram. Uma coisa que percebi antes de subir ao convés foi a abundância de cores nos prédios e casas. Isso tudo foi muito mais pitoresco para mim do que nossas cidades americanas. Naturalmente, as altas montanhas ao redor com prédios e casas na encosta contribuiu com a beleza.

É difícil dar minhas primeiras impressões, mas eu ainda sinto como se estivesse em um sonho. De várias maneiras, parece outro mundo embora existam muitas coisas exatamente como elas são em casa, é confuso. [...]

A cidade é linda. As longas fileiras de palmeiras e todas as muitas flores e arbustos. Meryl, você poderia certamente divertir-se no jardim da Senhora Landes. Alguém disse que se poderia plantar maçanetas no Brasil e elas cresceriam. Não é difícil acreditar. A casa dos Landes é colina acima e o quintal é escalonado rua abaixo. O que é mais encantador para mim é que a vegetação no quintal é de uma aparência tão selvagem— não é uma configuração convencional mesmo. Senhora Landes tem tudo aqui, de miosótis e gerânio a palmeiras e bananeiras. Eu vou enviar uma folha de bananeira só por diversão. Existem várias flores brilhantes e coloridas que eu nunca tinha visto antes. Existem enormes arbustos flamejantes com estrelas-de-natal, arbustos floridos tão grandes quanto nossos arbustos de bola de neve ou de lilás. Até os parasitas nas árvores tem belas flores com formato de lírio. Eu espero que em cinco anos eu não seja tão ignorante assim sobre a flora brasileira.

Nova York ou Chicago não devem nada ao Rio no tráfego. Rio definitivamente tem o tráfego e a falta de regras. Consequentemente, todo motorista de táxi usa sua buzina o tempo todo, muito desnecessário, para mim, mas que barulho constante.

Todo este lugar é uma mistura de civilização moderna e a mais primitiva. Outro dia eu vi um bonde ter de parar para evitar colidir em uma junta de [p. 2] bois de guia puxando uma grande carroça de madeira. E na rua pode-se ver uma mulher com os pés descalços com a cabeça atulhada de trouxas enormes. (Eu vi um homem carregando um tronco sobre sua cabeça) logo ao lado uma mulher vestida na última moda em Paris. Por sinal, as vitrines são mais atraentes para mim do que em N.Y., lindos vestidos, chapéus, etc.[...]

Nós temos visto todos os tons de compleição aqui, de muito preto a mais branco do que nós. Senhora Landes me apontou dois irmãos--- um, uma perfeita imagem de um negro africano, e o outro não muito mais escuro do que eu.

Nós estamos ainda mais ansiosos para aprender o idioma. Ouvir esse falatório, falatório de uma língua desconhecida em cada canto, me faz sentir como se dissessem “blá blá”. Roy foi ao centro da cidade ontem sozinho e

aprendeu bastante. É o melhor jeito, eu acho- colocar-se com seus próprios recursos. Ele disse que o condutor do bonde estava bem curioso sobre seus calçados. Ele não conseguiu descobrir se era o tamanho ou a cor (bege) que o atraíu. Senhora Landes disse que provavelmente ambos. Os homens bem vestidos usam sapatos de couro pontiagudos polidos sociais ou esportivos. Em qualquer caso, eles são todos dessa forma: certamente me faz cócegas ver dois homens se abraçando na rua. Outra coisa que notei foi que vários homens no bonde tiravam seus chapéus sempre que passávamos por uma igreja.

As janelas das casas são grandes e amplas coisas com apenas venezianas, sem telas. Muitas das residências mais chiques têm cenários pintados do lado de fora dos muros. Todos os quintais são cercados por muros altos ou cercas de ferro. Roubo é muito comum, então ninguém confia em ninguém.

[...]

Isso leva muito amor a cada um de vocês. Evelyn.

Segunda-feira à tarde

Caros:-

Tive os dois dias mais interessantes desde a última vez que escrevi. Acho que Roy contou a vocês sobre a igreja ontem. Foi uma experiência e tanto. Certamente, faz alguém se sentir estranho ouvir um culto em uma língua desconhecida. Nós dois pudemos pegar algumas palavras familiares, no entanto. Acredito que Roy vai se dar bem melhor do que eu em fazê-lo através de seus ouvidos.

Que maravilhoso passeio que tivemos hoje. Nós pegamos o carro elétrico, na companhia de Myrth King, até o topo do Corcovado, uma das mais altas montanhas. Uma vista perfeita que nós tivemos do topo, a cidade do Rio espalhada em todos os lados lá em baixo, e uma visão da enseada que não poderíamos obter a não ser daquela posição. Jamais esqueceremos. Nós andamos adiante por um antigo aqueduto, a fonte de abastecimento de água da cidade em épocas remotas, por aproximadamente 2 milhas. Ele nos conduz a um lugar densamente arborizado – bem diferente dos pinheirais das nossas Rockies. Vimos samambaias completas com 3 pés de diâmetro e 8 ou 9 pés em 1 comprimento. Nós três aproveitamos muito. A água no aqueduto vem de nascentes nas montanhas. Muito amor a todos, Evelyn.

[Carta 9]

Rio de Janeiro, Brasil.
Sabbath, 13 de setembro de 1925.

Caros nos Estados Unidos:-

Hoje é Sabá, nosso primeiro no Brasil, e vocês vão ouvir como nós passamos o dia. Primeiro de tudo, Evelyn e eu levantamos aproximadamente 08:30 e achamos a família no café da manhã. Nós nos desviamos e terminamos nossos asseios da manhã a tempo de sentar por volta de 09:30 e comer laranjas, bananas, algum tipo estranho de comida de café da manhã, cozido e servido com leite e açúcar, pão, manteiga, um ovo e café. Vocês iriam gostar do café, embora eu não esteja tão certo sobre todos vocês. Tem um gosto muito diferente do que nos Estados Unidos, por alguma razão. Eles torram por mais tempo e moem para uma farinha fina, e servem quente com muito leite quente e açúcar refinado. Ele realmente é muito bom, eu acho, e mesmo E. [Evelyn] bebeu, eu acredito.

[...]O lado de fora da igreja brasileira era muito bonito, com seu muro branco, e seu alto portão de ferro e cerca na frente. Por dentro havia uma congregação de bom tamanho composta por todos os tipos de pessoas, algumas bonitas, algumas bem vestidas, outras em não tão boa aparência ou não tão bem arrumadas. Algumas eram brancas, outras negras e cabelo crespo, enquanto ainda outros eram de diferentes tons e matizes. Eles cantavam com entusiasmo, muito melhor, inclusive, do que uma congregação de mesmo tamanho nos Estados Unidos cantaria. Pelo menos assim me pareceu. Eu não sei se eles são particularmente musicais, mas, apesar disso, eles cantaram na igreja essa manhã, todos aparentemente pegando a 1ª parte. Coisa estranha isso, todos cantando ao vento, ninguém aparentemente tentando conduzir as diferentes partes. Havia mais de uma centena lá, possivelmente tantos quanto 150.

Vocês deveriam ter visto os abraços e beijos que se seguiram depois do culto. Eu lembro de ver dois homens se beijando nas bochechas, mas eu posso estar enganado. Pelo menos muitas mulheres fizeram isso uma com a outra, e muitos homens davam tapinhas nas costas um do outro, como é do costume deles. Também muitas mulheres abraçavam o pastor desse jeito, que é deslizando os braços delas sob os dele dando tapinhas nos ombros ou costas. Espero que tenham jovens e belas senhoras em minha congregação, mas, claro, não podemos permitir que Evelyn veja essa última frase.

[...]

Ontem à tarde, os Landes nos levaram ao Museu Nacional chamado Quinta da Boa Vista, isto é, o Parque da Boa Vista, que antigamente foi o palácio [p. 2] do Imperador, Pedro II [...]. A propriedade é bem atraente, com grama verde, os canais, as flores, as maravilhosas árvores, especialmente aquelas altas, majestosas palmeiras tão retilíneas e com os ramos no ar, bem no topo da árvore. Aquelas palmeiras contra o céu brasileiro compõem um cenário prodigioso. Havia coqueiros, bambus, e vários outros os quais os nomes nos contaram, mas eu esqueci. Dentro do museu estão muitas coleções interessantes de muitas coisas. Várias salas têm relíquias indígenas, todos os tipos de vestimenta feitas de penas de aves brilhantemente coloridas, etc.[...]

[...]

O que nós comemos aqui? Eu já te contei do menu do café da manhã, que tem sido mais ou menos o mesmo desde que chegamos, embora o tipo de comida quente tem variado. Na maioria das vezes tem sido mingau de aveia. No centro da cidade às 11:00 os homens e mulheres tomam cuidado, ou café e sanduíches ou leite e arroz, mas ontem, fora daqui, nós comemos por volta de 01:30 e comemos sopa, queijo, bananas, chá, etc. A refeição mais pesada é a noite e é tão tarde que nós dois

ficamos sonolentos logo depois e vamos para cama com algo em nossos estômagos. Arroz e feijão são aparentemente servidos com frequência, com bife, molho, couve-flor, cenouras, batatas, milho, ou um par de vegetais brasileiros, cujos nomes me escaparam no momento. As sobremesas são boas. Bananas cozidas uma noite, um tipo de creme de ovos hoje, etc. Parece haver pouco bolo americano, mas há bolos, que eu vejo nas [p. 3] vitrines de pequenas confeitarias no centro da cidade.

Senhor Landes e eu almoçamos um dia em uma Leiteira[Leiteria] no centro da cidade, que é um lugar onde pode ter leite frio e quente, queijo, e um pudim de arroz, bolos e outras coisas de natureza parecida. Isto difere da cafeteria que faz café especializado, sanduiches, etc. Bem, eu devo dizer boa noite e desejar a vocês o melhor que posso pensar. [...] Eu espero que na hora de chegarmos a C. [Curitiba] suas cartas estejam esperando por nós. Love, Roy.

Terça-feira. Manhã

Bom dia:-

Eu estou aqui em uma espécie de estudo digitando as cartas anexas desta manhã. [...] Eu já havia mencionado o fato de as pessoas nos encararem, especialmente Evelyn, e nós achamos que pode ser por causa dos nossos óculos de aro de tartaruga. Pouquíssimas meninas são vistas na rua com este tipo de óculos, o que talvez cause o alvoroço. Ou talvez nós apenas pareçamos estranhos e estejamos vestidos um pouco diferente, embora não possamos ver nenhuma diferença materialmente. Pode-se ver todos os tipos de pessoas e vestimentas nas ruas. Muitos dos trabalhadores e vendedores de rua não usam meias, e têm chinelos com sola de madeira, com apenas os dedos cobertos. Eles parecem um chinelo de dormir chinês quanto ao estilo, mas as solas amadeiradas fazem um grande ruído nas ruas pavimentadas. Eu digo se eu entender como eles os conseguem manter nos pés assim tão bem.

Voltando do museu para casa sábado, nós vimos uma procissão nupcial. Tinha visto muitas vezes procissões fúnebres nos Estados Unidos, mas nunca uma procissão nupcial. Primeiro vem a noiva e o noivo, julgo eu, dirigindo um carro fechado com todas as luzes ligadas dentro do negócio e dúzias de flores em vasos pendurados dentro de onde eles sentavam. Ela vestia um véu e ele uma cartola. Estava espetacular, tudo perfeito. Seguindo estava uma dúzia de carros enfileirados com pessoas em seus melhores trajes e rendas. Nos contaram que eles estavam provavelmente saindo da igreja, uma vez que a noiva e o noivo não poderiam estar juntos se estivessem indo para a igreja.

Estamos notando mais garotas bonitas e lindas mulheres do que vimos anteriormente. Encontramos, ontem no Y., uma jovem garota de 18, talvez, que é uma descendente francesa e fala inglês, francês e português, que é linda, assim E. e eu achamos. Ela é taquígrafa aqui.

Sim, nós fomos à 1ª Igreja Pres.[Presbiteriana] na noite de Sabá e ouvimos um pastor mulato. É claro que só poderia ser um brasileiro. Não pegamos nada do que ele disse, claro, mas nós adoramos ver a igreja e testemunhar o tremendo crescimento do protestantismo, como evidenciado por tal construção e congregação, uma vez que teve início em 1860 sem a simpatia de ninguém. 400-500 pessoas estavam presentes no encontro da noite. Todas as cores e classes também. Mr. Landes acha que a congregação conta com mais de 800. O pastor morreu recentemente e eles estão à procura de um candidato.

Os cinemas e filmes estão abertos nas noites de domingo e as multidões eram imensas aos portões esperando para entrar. Grandes pôsteres brilhantes anunciavam a atração, e são usados em abundância até mais do que nos Estados Unidos. Eles são fixados por toda a frente do edifício, em tal profusão, que é atordoante para mim. Frequentemente se vê tanto o inglês e o português nos pôsteres, a explicação para ser assim é que os pôsteres chegam aqui com as imagens dos Estados Unidos e

estampam inscrições em inglês, então botam o port. [português] aqui, eu suponho. A sinopse do filme é em português.
Com amor,
Roy.

[Carta 10]

Rio, Terça-feira, 15 de setembro de 1925.

Caros:-

[...] As ruas são cheias a maioria do tempo e lotadas nas horas do rush. As refeições são baratas, na cidade são 200 reis e fora da cidade 100. 300 reis são cerca de 5 centavos. Sapato brilhando custa 500 reis. Eu fiz a barba na Ouvidor, não mais que isso, por 1 mil-réis, em torno de 14 centavos no câmbio atual. A Ouvidor é a Quinta Avenida do Rio e é uma estreita rua onde todas as melhores lojas estão localizadas. Nenhum tráfego é permitido lá. Então tudo que se ouve é o pat, pat, pat, dos pés batendo no duro pavimento ou nas calçadas azulejadas. Está cheia de pessoas a maior parte do tempo. Por tráfego, quero dizer automóveis e bondes, etc. Algumas das ruas são tão estreitas que quando um bonde passa por elas, temos de assistir a sua passagem ou a sua colisão.

A piada que se conta é a de um missionário que estava aqui aprendendo o idioma. Ele viu um cartaz nos cinemas, "Hoje" e contou a Landes que aquele deveria ser um espetáculo muito popular na cidade porque todos os cinemas tinham este filme. Eles riram dele por que essa palavra simplesmente significa "Today" [Hoje]. Uma mulher aprendendo o idioma estava embarcando em um bonde e de repente caiu no colo de um estranho, devido à súbita arrancada do bonde. Ela tinha aprendido várias palavras e frases, o mesmo que nós estamos fazendo, então ela pretendia dizer pardon me [me desculpe], mas o que ela disse a ele foi "Con licencia" [Com licença], que significa "with your permission" [com sua permissão]. Gargalhando, ele respondeu "pois nao", que significa, "certainly" [certamente]. Ela ficou muito envergonhada quando ele disse isso, porque ela imediatamente entendeu seu erro e desembarcou do bonde e pegou outro.

Eles têm um costume engraçado de bater palmas quando se aproximam de uma casa cujo os moradores você deseja alertar de sua aproximação. Uns fazem isso do portão ou às vezes antes de alcançar a casa. Pessoas fazem isso na casa dos Landes porque elas têm medo do cachorro, que eles ouvem, então batem palmas e aguardam até alguém descer e os escoltarem para cima. Eu estou falando dos brasileiros e não dos americanos, embora na casa da senhorita King as meninas Landes anunciaram sua aproximação dessa maneira. Tais palmas demandam um modo distinto. Noite passada chegando a casa, eu tentei isso, e 10 [primeiro] imediatamente meia dúzia de cachorros na vizinhança começou a uivar, para você ver que eles me ouviram e sabiam que alguém estava se aproximando. Foi engraçado. [...]

Esta tarde nós iremos subir ao Pão de Açúcar, uma montanha de forma peculiar que se ergue frente à baía. Chega-se ao topo em um tipo de gôndola, transitando pelo ar em um cabo de aço. Nos prometeram uma vista esplêndida da cidade e da enseada. O Pão de Açúcar é um lugar famoso e conhecido onde quer que seja no Rio e sua enseada é conhecida. Frequentemente se vê fotos de lá [...].

E. [Evelyn] está secando o cabelo agora. Vou terminar e ler um pouco. Com amor, Roy.

[Carta 11]

Rio, 19 de setembro de 1925.

Queridos parentes:-

[...] Amanhã vamos navegar de novo, esperando escapar do enjoo mais uma vez, e no curso de alguns dias, chegar em Paranaguá. Estamos preparados tanto quanto nossas coisas nos preocupam, tendo completado a transferência da bagagem ontem. Certamente tem sido muito trabalho para que aquelas caixas sejam despachadas. A outra linha de navios a vapor não as aceitariam até ontem, então nós as deixamos na alfândega. Havia três caixas que pertencem a um homem em São Paulo, que as queria por frete marítimo até aquela cidade, ao invés de ir conosco até Paranaguá, então elas tiveram de ser pescadas e levadas até outra doca. Fizemos isso na quarta-feira, e você não vai acreditar, nós não estamos de posse da conta do carregamento e dos papéis ainda. Imagine uma firma americana de navegação adiando desse jeito, fazendo você voltar dia após dia para concluir o negócio. Isto é abominável, o modo que esses brasileiros deixam tudo para amanhã o que nós poderíamos fazer num instante. Mas isso parece ser uma característica universal da raça, nos disseram.

[...]

Eu me pergunto como nós vamos nos virar em um barco estritamente brasileiro, onde o português será a língua falada, onde os cardápios estarão em p. [português] ou talvez em francês, etc. Vocês vão querer saber como vamos nos sair, não vão? Talvez nós apenas tenhamos que apontar as coisas no cardápio e nos arriscar na natureza da comida.

Aproveitamos imensamente nossos dez dias no Rio, cujas belezas são magníficas. Há muitos lugares que não vimos, mas nós demos uma volta nos mais importantes, eu acho. Uma tarde fomos na montanha Pão de Açúcar [Sugar Loaf] que se ergue junto à enseada numa altura de 400 metros, ou acima de 1200 pés. Parece algo como um cubo de açúcar, eu presumo, então é assim que eles o chamam. O topo é alcançado viajando em um carro suspenso sob um cabo de aço. Esta viagem é feita em duas partes, o primeiro carro te leva a um pequeno morro chamado Urca, que é amplo o suficiente para abrigar várias construções e alguns jardins no topo. Daqui se pega outro teleférico que vai balançando no ar, sobe, sobe, sobe centenas de pés até que finalmente ele é aportado no topo do Pão de Açúcar. Olhando para fora da janela traseira desses teleféricos dá um sentimento assustador, e você imagina quanto de você seria valioso catar se o cabo rompesse. Mas felizmente nada aconteceu, e nós realmente aproveitamos a vista do topo.

Agora, deixe-me dizer uma palavra de louvor para aquela vista. Eu estive no topo da Torre Eiffel e vi toda Paris sob meus pés, com o Rio Sena serpenteando pela cidade; eu vi Nova York do alto do edifício Woolworth, e Denver do alto da Fisher's Tower; eu me fascinei pela cena que se estende do alto de algumas daquelas queridas e antigas montanhas Rocky, com os morros cobertos de neve, os rios sinuosos, os vales profundos e as planícies distantes. Mas jamais tinha visto tal panorama como o que se descortinava diante de nós do topo do Pão de Açúcar. Eu acho que uma cidade pode ser encantadora, uma montanha pode ser inspiradora, e uma enseada pode ser adorável, mas quando se vê tudo isso em uma imagem, é simplesmente formidável. Rio está aninhado entre os morros e se esparrama em uma dúzia de praias; suas diversas casas coloridas com suas coberturas vermelhas de telha sobem as vertentes montanhosas e estão por todo vale; adicione a isso as belezas de uma enseada que é literalmente cravejada por ilhas, não coisas planas, mas montanhas, morros acidentados, que se erguem para fora da água. Em outra direção, a vista estende-se sobre o Oceano Atlântico, onde uma vela ou um vapor é visto sulcando as ondas. À distância, do outro lado da baía, pode-se ver a

extensão da costa com sua linha ondulada de picos e as nuvens mais bonitas pairando sobre elas. Cidade, montanhas, céu, nuvens, oceano, baía tudo em um grande motim de beleza. [...]

Ontem visitamos o Jardim Botânico e pensamos em Meryl e em como ele gostaria de gastar horas lá. Todos os tipos de árvores, flores, arbustos, e até ervas daninhas presentes com seus nomes apropriadamente fixados. Avenidas de palmeira reais, o tipo que cresce em linha reta em direção ao céu, com cem pés com nem sequer um ramo e então tem uma copa em forma de guarda-chuva, por assim dizer. Árvores de bambu em grande quantidade, etc. Outro dia vimos o Jardim Zoológico com papagaios, macacos, pássaros, tigres, ursos, leões e outras coisas interessantes. [...]

[...] Esperamos que vocês todos estejam bem e felizes a que vocês estejam recebendo todas as nossas cartas. Estamos extremamente ansiosos para receber alguma correspondência de vocês, nos contando sobre os acontecimentos de casa. [...]

Com amor
Roy.

2.1 Rio: lugar em grande motim de beleza

Não se pode esquecer o lugar onde vimos a luz pela primeira vez (POCOCK, 1981). Pois: “que emoção nos deu todas as luzes da cidade” e “que cenário quando a cidade se iluminou” (Carta 8). O amanhecer anunciava mais que um novo dia, proclamava uma nova vida em uma nova terra. Firma-se uma cena. Nesse quadro pitoresco, a paisagem de uma enseada portuária os encanta. Cores em abundância. O colorido das construções mistura-se àquele das encostas. Rio, cuja pródiga topografia adiciona beleza à imagem. A cena é de encantamento, mas também histórica.

“Dois pequeninos barcos a remo com belos jovens brasileiros neles vieram até o nosso navio e nos deram uma olhada. Isso me lembrou como os índios canoaram até o Mayflower quando os peregrinos chegaram” (Carta 8). A imagem dos índios à canoa em direção ao Mayflower é reveladora. Em 1620, imigrantes da Inglaterra alcançaram o Novo Mundo a bordo do navio. A passagem a que Evelyn faz referência diz respeito ao primeiro contato entre os que chegavam e os nativos. Em canoas, os índios, como genericamente se referenciava qualquer nativo, foram explorar o que estava por vir. Nessa tela, evidencia-se uma postura de civilizados frente a primitivos. Entregues ao regime imaginativo, concebem *um* povo, *um* lugar.

Ao longo desses dias, afetos decorrentes de um lugar vivido tencionam a imaginação do lugar concebido. Racionaliza-se, abalam-se crenças e preconceções. A natureza encanta, certos hábitos também. Alguns costumes os chocam, e não raro um par encantamento/estranhamento se faz presente.

Próprio de uma imagem dogmática do pensamento⁷(DELEUZE, 2000 [1969]), o casal americano pensa por associação e analogia. Eis a comparação. Dessubjetivados, ter como parâmetro o seu lugar de origem não deixa de ser uma busca por uma ressubjetivação. De acordo com Pocock (1981), existe uma hierarquização dos lugares. Pensar a partir de seu lugar pode ser inescapável,

⁷ “Deleuze estabelece que são três os pressupostos essenciais que formam a imagem dogmática do pensamento, sendo eles: o verdadeiro, o erro e o método. Para Deleuze, toda tradição filosófica Ocidental se ergueu sobre esses três pontos de partida, ou pressupostos fundamentais” (RIBEIRO, 2017, p. 33). Assim sendo, a imagem dogmática do pensamento “torna naturalmente inclinado à verdade e seguro pela boa vontade do pensador que a tudo prejudica, decidindo sobre o verdadeiro e o falso por meio do quadrado da representação: a identidade do conceito, a analogia dos juízos, a oposição dos predicados e a semelhança da percepção” (VALÉRIO, 2010, p. 7).

entretanto começar a partir dele não deixa de ser uma busca por manter algo que se acredita de pé. Afinal, “parece outro mundo, embora existam muitas coisas exatamente como elas são em casa, é confuso” (Carta 8). Partir de onde se vem pode significar uma alteridade: enxergar dois sujeitos no mesmo plano. Todavia, a vinda de dois missionários para a terra do pecado não parece coadunar com essa ideia. Ou não era assim que os fundadores das treze colônias enxergavam aquele povo sem Cristo no além-mar, do outro lado do Atlântico? *A civilização chega ao Sul*.

“Majestosas palmeiras tão retilíneas e com os ramos no ar, bem no topo da árvore. Aquelas palmeiras contra o céu brasileiro compõem um cenário prodigioso” (Carta 9). “A cidade é linda” (Carta 8). Longas fileiras de palmeiras que se encontram com o céu, flores brilhantes, cores jamais vistas, arbustos enormes, samambaias de quase três metros, até as plantas parasitas são belas. E “já dizia Caminha, nessa terra tudo dá”⁸: “alguém disse que se poderia plantar maçanetas no Brasil e elas cresceriam” (Carta 8). Terra fértil, propícia para que sejam plantadas as sementes de uma Igreja Presbiteriana numerosa e sólida. Brasil: lugar mítico. Nestas circunstâncias, o lugar mítico, escreve Tuan (2013 [1977]), preenche um intervalo entre o conhecido e o desconhecido. Conceber que de um solo se faz qualquer vida, que tudo vinga, confere uma qualidade mítica ao Brasil, país pródigo, onde tudo floresce, nação das delícias (MELLO, 1991). Não por acaso, essa é uma das principais expressões decorrente do contato inicial dos primeiros viajantes com a antiga Terra de Santa Cruz. Há toda uma mitologia projetada para estas terras tropicais, que mobilizaram, ao longo do tempo, grandes deslocamentos, colonizações e projetos diversos para essa ‘tela em branco’, mas para a qual já lhe havia sido concedida o futuro (seja qual for, fosse qual fosse).

Como lemos nas cartas arroladas neste capítulo, toda uma experiência de encantamento com a natureza confere um grau de empatia diante do país para o qual foram designados para disseminar o evangelho. A Baía de Guanabara, essa que por séculos não cessa de encantar, seja por suas dimensões e natureza pródiga, gerações de viajantes e pessoas de fora, “é grande o suficiente para ancorar todas as frotas do mundo, diz Roy” (Carta 8). O encantamento, em manifestações mais intensas, expressa-se em hipérbole. Encantadora também é a vista da cidade desde o alto do Corcovado da cidade do Rio de Janeiro, que ficará

⁸ Retirado da canção “Meu coração é um pandeiro”, de Gonzaguinha (1974).

para sempre na memória dos dois. Até então, havia apenas o Mirante Chapéu do Sol, atração da cidade desde o final do século XIX, acessível por pioneiro ramal ferroviário. O simbólico monumento do Cristo Redentor foi inaugurado em 1931, o que não impediu que o Corcovado fizesse parte da lista dos passeios obrigatórios na cidade. Roy e Evelyn não deixaram escapar o programa turístico:

que maravilhoso passeio tivemos hoje. Nós pegamos o carro elétrico, na companhia de Myrth King, até o topo do Corcovado, uma das mais altas montanhas. Uma vista perfeita que nós tivemos do topo, a cidade do Rio espalhada em todos os lados lá em baixo, e uma visão da enseada que não poderíamos obter a não ser daquela posição. Jamais esqueceremos (Carta 8).

Visão que enche os olhos, encantamento que permanecerá para sempre na lembrança. O Corcovado, visitado pelo nosso casal, há mais de um século rivaliza com o Pão de Açúcar, destino dos dois em 15 de setembro (Carta 10, Carta 11). Em meio a essa disputa sem vencedores pela vista mais deslumbrante da cidade do Rio de Janeiro, nos vemos por vezes sem palavras e o relato da experiência pode resultar incompleto ou insatisfatório. No topo do Pão de Açúcar, no entanto, lugar e instante se conjugam, e o afeto de uma experiência desagua em poesia:

Agora, deixe-me dizer uma palavra de louvor para aquela vista. Eu estive no topo da Torre Eiffel e vi toda Paris sob meus pés, com o Rio Sena serpenteando pela cidade; eu vi Nova York do alto do edifício Woolworth, e Denver do alto da Fisher's Tower; eu me fascinei pela cena que se estende do alto de algumas daquelas queridas e antigas montanhas Rocky, com os morros cobertos de neve, os rios sinuosos, os vales profundos e as planícies distantes. Mas jamais tinha visto tal panorama como o que se descortinava diante de nós do topo do Pão de Açúcar. Eu acho que uma cidade pode ser encantadora, uma montanha pode ser inspiradora, e uma enseada pode ser adorável, mas quando se vê tudo isso em uma imagem, isso é imenso. Rio está aninhado entre os morros e se esparrama em uma dúzia de praias; suas diversas casas coloridas com suas coberturas vermelhas de telha sobem as vertentes montanhosas e estão por todo vale; adicione a isso as belezas de uma enseada que é literalmente cravejada por ilhas, não coisas planas, mas montanhas, morros acidentados, que se erguem para fora da água. Em outra direção, a vista estende-se sobre o Oceano Atlântico, onde uma vela ou um vapor é visto sulcando as ondas. À distância, do outro lado da baía, pode-se ver a extensão da costa com sua linha ondulada de picos e as nuvens mais bonitas pairando sobre elas. Cidade, montanhas, céu, nuvens, oceano, baía tudo em um grande motim de beleza (Carta 11).

Pausa.

A poesia se expressa tanto no arranjo único comungando todo um léxico singular. O Rio Sena serpenteia Paris, o Rio de Janeiro está aninhado entre morros e esparramado em praias, a baía é cravejada por ilhas e a vela sulca as ondas. Serpenteia, aninhado, esparramado, cravejado, sulca. Soma-se a isso adjetivos

como encantadora, inspiradora, adorável, imenso. Essa seleção especial de vocábulos, esse dizer poético e apaixonado, indica uma relação íntima com o lugar (MELLO, 1991) e interessa à geografia humanista.

Roy utiliza esses recursos literários para descrever um lugar de aparência única, excepcional comunhão do que a natureza proveu, seja diretamente ou por intercessão do homem. Esse panorama atingiu para Roy um patamar inigualável, jamais visto, que transcende Paris do topo da Torre Eiffel, Nova York e Denver do alto de alguns dos edifícios mais altos dos Estados Unidos à época e mesmo a cena que se exhibe desde as “queridas e antigas” montanhas Rocky, ou seja, vistas fabulosas mundo afora e de sua própria terra natal. E como pode uma cidade encantadora, uma montanha inspiradora e uma enseada adorável, juntas, em uma imagem? “Isso é imenso”. Aqui, cabe uma ressalva. Diante de tão impactante cenário, por vezes nos faltam adjetivos. Nesse caso, imenso guarda em si muitos significados, tanto se consultarmos dicionários em português ou em inglês. Dito isso, a visão reunir tanto em uma perspectiva, significa, para Roy, algo que não pode ser medido ou contado, indefinível, infinito, formidável, esplêndido, monumental, colossal, estupendo, tremendo, prodigioso.

Estamos diante de uma passagem inspirada. Por fim, Roy torna claro o tom de seu depoimento. Trata-se da denúncia de um complô, pois organizaram-se “cidade, montanhas, céu, nuvens, oceano, baía tudo em um grande motim de beleza”. Entes geográficos conspiram em graça, júbilo e satisfação. A diferença que encanta é expressão de filiação ao lugar.

2.2 Lugar enquanto mistura: civilização moderna/civilização primitiva

“Toda esta cidade é uma mistura de civilização moderna e a mais primitiva”, escreve Evelyn na Carta 8. Há, nessa afirmação, uma delimitação prévia do que se concebe como moderno em contraste com as formas perenes do Estado brasileiro, no caso, sintomas de um escravismo que insiste em se fazer presente, imagens de uma sociedade extremamente desigual. Moderno e primitivo, contudo, vai além de se constatarem ruralidades e urbanidades – conceitos elucidados por João Rua (2002) -, elementos e objetos que são atribuídos a um conjunto que se demonstra

moderno-urbano para nossa personagem – bondes elétricos, tráfego intenso, por exemplo, e aqueles relacionados mais diretamente ao consumo – última moda de Paris, vitrines atraentes, lindos vestidos e chapéus. O trânsito intenso do Rio de Janeiro, comparável ao de Chicago e New York, não é moderno: carece de regras. Os usos urbanos também não incluem o constante barulho das buzinas dos carros.

Por seu turno, relacionados ao par atrasado-rural, estão bois, mulher descalça com trouxa na cabeça, homem carregando um tronco. O primitivo teima: o espanto de um homem carregando um tronco em sua cabeça ao lado de uma mulher vestida na última moda em Paris. Os “trabalhadores e vendedores de rua não usam meias, têm chinelos com sola de madeira com apenas os dedos cobertos” (Carta 9), mas “os homens bem vestidos usam sapatos de couro pontiagudos, polidos, sociais ou esportivos” (Carta 8). Para os Harpers, o primitivo impede o moderno – bem significativo que a junta de bois em guia impeça que o bonde elétrico prossiga. Provavelmente, impressione, ou mesmo choque o jovem casal vestígios de uma sociedade escravista no urbano (SCHWARZ, 2012; SCHWARCZ; STARLING, 2015) restos de uma modernização incompleta: “Modernização e tradição eram conceitos fortes nesse momento que previa mudanças, mas experimentava continuidades de toda ordem” (SCHWARCZ, 2012, p. 41).

Para ser mais específico, esse projeto inacabado capitaneado pela República Velha não se realizava nas estruturas mais profundas da sociedade, mas mirava hábitos, aparência, a arquitetura e o urbanismo. Sendo assim,

Nas sucessivas modernizações do Rio de Janeiro durante a República Velha, as autoridades buscaram não só enfrentar as questões práticas inerentes à lógica higienista, como também criar as fachadas da europeização nas quais os setores pobres e mestiços seriam devidamente removidos para as periferias mais afastadas. A política que levou ao incremento dos subúrbios, entretanto, não apagou de todo as zonas de confluência entre classes e etnias. Será uma característica perdurável do Rio de Janeiro, até pela própria conformação topográfica da cidade, a impossibilidade de estabelecer divisões rígidas entre os domínios da elite e o das classes populares. Mais do que a efetiva prática, o que se logrou foi um ideal de cidade saneada e europeizada e posteriormente americanizada (JAGUARIBE, 1998, p. 56).

Embora fosse necessária à República uma cidade cosmopolita condizente com os “novos tempos”, coabitavam na capital do país, a “cidade harmônica e ideal do planejamento burguês” e o “cenário de tensões sociais, trocas culturais e disputas pelo poder” (JAGUARIBE, 1998, p. 14). Como pode ser notado, Evelyn percebe esse embate que vem sendo travado na cidade do Rio de Janeiro, qual seja

entre a reprodução de um modelo civilizante do Norte e a remanescência / persistência de um padrão que é indesejado aos olhos da reforma urbana promovida pela República Velha (ABREU, 2006 [1987]).

2.3 Lugares em contraste: seus hábitos, seus costumes, sua gente

O lugar se apresenta nas mais diversas escalas. A casa comumente é lugar por excelência. Mesmo assim, pode significar retorno indesejado a uma rotina tediosa, ou situações domésticas de violência. O sentido de lugar, então, pode ser atribuído a um cômodo – o quarto, por exemplo -, ou mesmo à cama, ou a algum canto ou refúgio que, mesmos por uns instantes, abrigue, conforte, proteja. Lugar pode até mesmo estender-se a todo o planeta – a preocupação com o aquecimento global serve de ilustração (MELLO, 2012). O lugar pode ser multi-escalar (MARANDOLA, Janaína, 2007): cidade – estado – região. O sentimento de topofilia (TUAN, 2012 [1980]), ou seja, estar profundamente atado a um lugar, pode se estender, igualmente, a um país, seja por saudade de um alimento de sua terra ou mesmo em jogos de futebol da Copa do Mundo.

O lugar, expresso em uma das escalas da qual partem os Harpers - Chicago ou Nova Iorque/EUA - para escrever sobre suas primeiras impressões sobre o Rio de Janeiro/Brasil, inclui costumes e hábitos próprios. Dito isto, um dos aspectos que mais chama a atenção dos que são de fora daqui é o cumprimento caloroso dos brasileiros. Beijos e abraços são comuns em saudações. O filme “Alô Amigos” dos Estúdios Disney de 1942, marca a primeira aparição do personagem brasileiro Zé Carioca. Na animação, o papagaio e o pato Donald se conhecem. Donald estende a mão a Zé Carioca, que avança em abraço vigoroso, para o susto do personagem americano. Mais do que um estereótipo, a sequência veicula uma imagem referente a dois costumes distintos que podem ser verificados em cada um dos dois países. O choque entre duas formas distintas de se comportar resulta em susto para Donald. Evelyn, por outro lado, ri ao se deparar com dois homens se abraçando na rua (“certamente me faz cócegas ver dois homens se abraçando na rua”, Carta 8).

O contato físico também espanta Roy. Na carta 9, ao relatar a ida a um culto, ele menciona abraços e beijos homens e mulheres, e as saudações entre as fiéis e o pastor acabam por receber um comentário malicioso:

Vocês deveriam ter visto os abraços e beijos que se seguiram depois do culto. Eu lembro de ver dois homens se beijando nas bochechas, mas eu posso estar enganado. Pelo menos muitas mulheres fizeram isso uma com a outra, e muitos homens davam tapinhas nas costas um do outro, como é do costume deles. Também muitas mulheres abraçavam o pastor desse jeito, que é deslizando os braços delas sob os dele dando tapinhas nos ombros ou costas. Espero que tenham jovens e belas senhoras em minha congregação, mas, claro, não podemos permitir que Evelyn veja essa última frase (Carta 9).

Como se pode notar, o estranhamento envolve muito mais que negatividade. Em outras palavras, o etnocentrismo, em perspectiva geográfica, estipula o seu lugar como parâmetro para entendimento do ambiente ao redor (MELLO, 1991, 2000; TUAN, 2013). A diferença que se estranha pode tanto ser vista como atraso, inferioridade ou primitivismo, mas também pode ensejar outros afetos, como por exemplo, alegria, manifestada em riso pelo inusitado.

Eles têm um costume engraçado de bater palmas quando se aproximam de uma casa cujo os moradores você deseja alertar de sua aproximação. Uns fazem isso do portão ou às vezes antes de alcançar a casa. Pessoas fazem isso na casa dos Landes porque elas têm medo do cachorro, que eles ouvem, então batem palmas e aguardam até alguém descer e os escoltarem para cima. Eu estou falando dos brasileiros e não dos americanos, embora na casa da senhorita King as meninas Landes anunciaram sua aproximação dessa maneira. Tais palmas demandam um modo distinto. Noite passada chegando a casa, eu tentei isso, e 10 [primeiro] imediatamente meia dúzia de cachorros na vizinhança começou a uivar, para você ver que eles me ouviram e sabiam que alguém estava se aproximando. Foi engraçado.

A aproximação de uma visita deve ser anunciada com palmas. Roy acha graça desse costume, mas decide comportar-se como um local. Logo ele entende que há um modo próprio de proceder, pois seu gesto ouriça os cachorros da vizinhança, e os uivos se propagam. O que era para proteger e amedrontar converte-se em piada, tanto do hábito incomum, como das consequências de uma tentativa frustrada.

Outro ponto de destaque, eram os cintilantes cartazes em todos os cinemas que anunciavam provavelmente o maior sucesso de público, ou ao menos o filme com maior distribuição cinematográfica, aos olhos de outro missionário “que estava aqui aprendendo o idioma. Ele viu um cartaz nos cinemas, ‘Hoje’ e contou a Landes que aquele deveria ser um espetáculo muito popular na cidade porque todos os cinemas tinham este filme” (Carta 10). Sem saber o significado, o americano

espantou-se com a popularidade da “película”, episódio que rendeu uma piada ao saber que se tratava apenas da indicação da atração do dia.

A confusão de idiomas cria mais uma cena carioca. No bonde, a frenagem brusca aproxima, involuntariamente, um local e uma estrangeira (Carta 10). Em um movimento, a americana se vê no colo de um brasileiro. O contato físico inesperado e constrangedor para a americana, mas engraçado por si só, ganha ares de comédia pastelão quando o que deveria ser “me desculpe” acaba sendo “com licença”. Gaiato, o carioca responde: “pois não”. A experiência dos Harper no Rio de Janeiro é permeada de anedotas.

Do bonde, Evelyn e Roy observam a cidade. Mas a cidade os observa de volta. Não são daqui, fato evidente na aparência, em gestos, na fala. O olhar cruzado é uma das marcas do estranhamento do lugar. Sendo assim, o protestantismo do casal contrasta com gestos típicos do catolicismo brasileiro: “outra coisa que notei foi que vários homens no bonde tiravam seus chapéus sempre que passávamos por uma igreja” (Carta 8). Em outra volta pelo Rio, em uma incursão solitária, os trajes de Roy atraem a atenção do condutor do bonde, conforme o relato de Evelyn: “o condutor do bonde estava bem curioso sobre seus calçados. Ele não conseguiu descobrir se era o tamanho ou a cor (bege) que o atraiu. Senhora Landes disse que provavelmente ambos” (Carta 8). De qualquer maneira, neste lugar, os Harper são os diferentes. Os olhares direcionados a eles realmente os intrigam:

Eu já havia mencionado o fato de as pessoas nos encararem, especialmente Evelyn, e nós achamos que pode ser por causa dos nossos óculos de aro de tartaruga. Pouquíssimas meninas são vistas na rua com este tipo de óculos, o que talvez cause o alvoroço. Ou talvez nós apenas pareçamos estranhos e estejamos vestidos um pouco diferente, embora não possamos ver nenhuma diferença materialmente (Carta 9).

Vale ressaltar, além da vestimenta pouco usual, o casal era de uma estatura elevada, bastante incomum entre os nossos habitantes desse período.

Nesses passos, eles são desbravadores do cotidiano de uma cidade pulsante:

Os cinemas e filmes estão abertos nas noites de domingo e as multidões eram imensas aos portões esperando para entrar. Grandes pôsteres brilhantes anunciavam a atração, e são usados em abundância até mais do que nos Estados Unidos. Eles são fixados por toda a frente do edifício, em tal profusão, que é atordoante para mim (Carta 9).

A pujante vida noturna do Rio dos anos 1920 é digna de nota, impressiona e atordoia. A atmosfera *Broadway* não é por acaso. Mesmo sem a menção de Roy, podemos deduzir que ele fala da Cinelândia, como foi popularmente batizada a

Praça Floriano dos anos 1920, persistindo o topônimo popular e não oficial até os dias atuais. Estou falando de um projeto capitaneado pelo empresário espanhol Francisco Serrador de efetivar uma *Broadway* carioca. O quarteirão Serrador acabou por atrair outros empreendimentos do mesmo segmento, de tal sorte que a praça e ruas adjacentes passaram a exibir quatorze cinemas, afora teatros, confeitarias, galerias de lojas (GERSON, 2015).

Exploradores que são, encontram em uma rua seus acordes mais vibrantes:

As ruas são cheias a maioria do tempo e lotadas nas horas do rush. As refeições são baratas, na cidade são 200 reis e fora da cidade 100. 300 reis são cerca de 5 centavos. Sapato brilhando custa 500 reis. Eu fiz a barba na Ouvidor, não mais que isso, por 1 mil-réis, em torno de 14 centavos no câmbio atual. A Ouvidor é a Quinta Avenida do Rio e é uma estreita rua onde todas as melhores lojas estão localizadas. Nenhum tráfego é permitido lá. Então tudo que se ouve é o pat, pat, pat, dos pés batendo no duro pavimento ou nas calçadas azulejadas. Está cheia de pessoas a maior parte do tempo. Por tráfego, quero dizer automóveis e bondes, etc. Algumas das ruas são tão estreitas que quando um bonde passa por elas, temos de assistir a sua passagem ou a sua colisão (Carta 10).

“A Ouvidor é a Quinta Avenida do Rio e é uma estreita rua onde todas as melhores lojas estão localizadas” (Carta 10). A rua do Ouvidor apresentava imensa centralidade desde o século XIX, no que tange a grande afluência de pessoas e concentração de comércio e serviços direcionados a população mais abastada. A centralidade, cabe dizer, não se restringe às conceituações da escola de ecologia urbana de Chicago ou mesmo à teoria dos lugares centrais do geógrafo alemão Walter Christaller⁹. Essas abordagens, difundidas nos estudos em geografia, levam em consideração os nós de circulação relacionados a fluxos materiais, sobretudo aqueles numericamente expressivos. Uma vez inspirado pelo geógrafo João Baptista Ferreira de Mello, centralidade assume as mais diversas nuances, em diferentes escalas. Um cômodo, um templo, um estádio, um endereço domiciliar, uma cidade, ou mesmo um país são lugares centrais por irradiar ideias e significados. Nas palavras do professor Mello (1997, p. 51),

os geógrafos conceituam um lugar central um ponto fixo de concentração, receptor e/ou emissor de fluxos comerciais, financeiros, sociais, administrativos etc. A centralidade, sob este prisma, é também considerada em decorrência das interações entre os lugares centrais e suas respectivas áreas de influência. [...] Com efeito, há centralidades construídas, eleitas ou adotadas pelos indivíduos e grupos sociais (bem como outros agentes).

⁹ Sobre a teoria dos lugares centrais consultar a obra: CHRISTALLER, W. Central Places in Southern Germany, New Jersey, Prentice-Hall, 1966. Publicada originalmente em alemão em 1933.

Assim, a Ouvidor concentrava confeitarias, livrarias, barbearias, lojas de artigos fotográficos, afora aquelas com os artigos da moda – vestimentas, tecidos, artigos de decoração - e a sede dos principais jornais da cidade. Não por acaso a comparação com a célebre avenida de Nova Iorque, conhecida pela presença de lojas sofisticadas e de alto luxo, bem como moradias de padrão elevado direcionadas aos mais ricos. A Quinta Avenida carioca perdura enquanto lugar central (MELLO, 1997) da Monarquia às décadas iniciais da República, a despeito de diversas reformas urbanas e da transferência da centralidade política e burocrática do Largo do Carmo (hoje Praça XV) para o Campo de Santana ao longo dos Oitocentos e depois desse para a Praça Floriano nos primeiros anos republicanos (VENEROTTI, 2013; SISSON, 2008). Paulatinamente, durante o século XX a rua do Ouvidor foi desbancada pela Avenida Central (atual Rio Branco), inaugurada em 15 de novembro de 1905, produto de uma das diversas reestruturações urbanas levadas a cabo pela prefeitura do Distrito Federal e pela União entre 1902 e 1906, aglutinadas sob o termo “Reforma Passos” (pois o alcaide se chamava Francisco Pereira Passos) ou “Bota Baixo” (ABREU, 2006).

A estreiteza das ruas contribui para a sensação de uma ocupação permanente, de apinhamento (TUAN, 2013). Apinhamento, em si, não guarda positividade ou negatividade. Um lugar repleto de pessoas pode ser claustrofóbico para uns e aconchegante para outros. Um lugar sem pessoa alguma pode ser sufocante ou confortável. Em uma sala espaçosa, se desejamos estar sozinhos, apenas mais um basta para lotar o aposento. Em uma apresentação de música eletrônica, a multidão em transe, apinhada, compõe a experiência. Pessoas, bois e bondes em uma rua estreita pode significar perigo, sobretudo aos desavisados, e eventualmente acidentes podem acontecer. Por outro caminho, a Ouvidor lotada de transeuntes pode não incomodar e o logradouro vazio pode até mesmo causar estranheza e incômodo. Sua largura peculiar permite o encontro e proximidade, e o projeto de seu alargamento causou protestos, como o de Machado de Assis, em crônica publicada no ano de 1893 em A Gazeta de Notícias (ASSIS, 2015, p. 23699-23703):

Vamos à rua do Ouvidor; é um passo. Desta rua ao Diário de Notícias é ainda menos. Ora, foi no Diário de Notícias que eu li uma defesa do alargamento da dita rua do Ouvidor, — coisa que eu combateria aqui, se tivesse tempo e espaço. Vós que tendes a cargo o aformoseamento da cidade alargai outras ruas, todas as ruas, mas deixai a do Ouvidor assim mesma — uma viela, como lhe chama o Diário, — um canudo, como lhe

chamava Pedro Luiz. Há nela, assim estreitinha, um aspecto e uma sensação de intimidade. É a rua própria do boato. Vá lá correr um boato por avenidas amplas e lavadas de ar. O boato precisa do aconchego, da contiguidade, do ouvido à boca para murmurar depressa e baixinho, e saltar de um lado para outro.

Na rua do Ouvidor, um homem, que está à porta do Laemmert, aperta a mão do outro que fica à porta do Crashley, sem perder o equilíbrio. Pode-se comer um sandwich no Castelões e tomar um cálix de Madeira no Deroché, quase sem sair de casa. O característico desta rua é ser uma espécie de loja única, variada, estreita e comprida.

Depois, é mister contar com a nossa indolência. Se a rua ficar assaz larga para dar passagem a carros, ninguém irá de uma calçada a outra, para ver a senhora que passa.

Ela está “cheia de pessoas a maior parte do tempo”, de tal forma que bondes e outros veículos não podem transitar por ela (Carta 10). Não é na rua do Ouvidor “onde todos moramos”¹⁰, onde tudo acontece? Machado de Assis que o diga.

Pensem em um grande baile. O “pat, pat, pat” do toque dos calçados é a percussão, e firma o pulso. Pode ter certeza, essa canção é sincopada. Nessa sinfonia, o vozerio compõe a melodia dissonante de um vai-e-vem urbano, em meio a outros sons, de cliques, de tesouras, de martelos e de fiadeiras. Bondes e automóveis dos logradouros vizinhos irrompem inadvertidamente em rangidos e buzinas, e a orquestra toca em polirritmia. Há um burburinho urbano, um som da cidade emitido pela Ouvidor. Nessas cadências, compõe-se uma forma sonora do lugar (como sugestão de tradução para *soundscape*).

Se pudéssemos enxergar, contudo, o cenário é montado com tortas e confeitos decorados, detalhados vestidos, cartolas vistosas, cartazes chamativos e sapatos lustrosos. Cores e texturas da rua do Ouvidor.

Em uma coreografia embalada por vários ritmos, dançam nesse palco do dia-a-dia os cavalheiros, as damas, os moleques, os pregoeiros e os descalços. Dentro de cada estabelecimento, um balé coadjuvante, aquele das confeitarias, das barbearias, das livrarias, das alfaiatarias, das redações jornalísticas, das *ópticas* e das *pharmácias*. Nesse compasso, sem perceberem, Roy e Evelyn observam e entram na dança. Todos integrantes dessa dança do lugar, em uma extensão do pensamento de Seamon (1980).

A gente do Rio é preta, é parda, é amarela, é miscigenada. Tamanha diversidade salta aos olhos: “Nós temos visto todos os tons de compleição aqui, de

¹⁰ Crônica de 21 de janeiro de 1889 (ASSIS, 2015).

muito preto a mais branco do que nós. Senhora Landes me apontou dois irmãos---um, uma perfeita imagem de um negro africano, e o outro não muito mais escuro do que eu” (Carta 8). Entre tantas palhetas e feições, após três dias estão “percebendo mais garotas bonitas e lindas mulheres do que vimos anteriormente” (Carta 9), com base no encontro com uma filha de franceses, fluente em inglês, francês e até mesmo português.

Nas “Cartas do Rio” é frequente a menção a essa mistura, nos lugares abertos e fechados, exatamente nos cultos que frequentam. O pastor mulato da primeira Igreja Presbiteriana, no Centro, só poderia mesmo ser brasileiro, e o culto foi atendido por todas as cores e classes (Carta 9). Na igreja local, frequentada pelos Landes

havia uma congregação de bom tamanho composta por todos os tipos de pessoas, algumas bonitas, algumas bem vestidas, outras em não tão boa aparência ou não tão bem arrumadas. Algumas eram brancas, outras negras e cabelo crespo, enquanto ainda outros eram de diferentes tons e matizes (Carta 9)

Vale lembrar, a segregação racial estava em vigor nos Estados Unidos, de modo que em muitos estados não era permitido “brancos” e “pessoas de cor” no mesmo ambiente, de banheiros públicos a escolas, passando por estabelecimentos comerciais e assentos diferentes no transporte coletivo. Dependendo do Estado da Federação, interação social de qualquer tipo era rara. Dificilmente, negros e brancos estavam presentes no mesmo culto. A segregação sócio-étnica-espacial era profunda, com cada grupo em suas respectivas igrejas, distantes um do outro.

“Pode-se ver todos os tipos de pessoas e vestimentas nas ruas” (Carta 9): Essa diversidade, em um primeiro olhar, pode mascarar o cenário de estratificação social. Na rua todas as cores e classes se esbarram, mas não se encontram. Muralhas invisíveis, cercas da exclusão, definem bem cada um no lugar que lhe cabe (MELLO, 1991).

“Todos os quintais são cercados por muros altos ou cercas de ferro. Roubo é muito comum, então ninguém confia em ninguém” (Carta 8). Essa observação de Evelyn é instigante. Como, por dedução, muros altos signifique “ninguém confia em ninguém”? Sim, muros altos e cercas intimidam certas frequências. Tornam-se zonas de fronteira, delimitadores concretos entre o público e o privado. A presença de um elemento arquitetônico (muro/cerca) pode denunciar algo que está ausente (confiança)? O que posso dizer é que muros e/ou cercas, em suas origens atrelados mais à arquitetura/engenharia da defesa (cidades medievais, Muralha da China),

mas também delimitador de fronteiras entre territórios distintos (do Muro de Berlim ao muro da casa) estão cada vez mais associados à arquitetura da posse e apropriação do espaço, embora nunca tenham deixado de sê-lo. O latifúndio com cercas de arame e jagunços armados, prédios da classe média carioca que avançam em grades sobre a calçada em uma privatização do espaço comum (GOMES, 2003 [1996]). Sob a égide da segurança (“ninguém confia em ninguém”, afinal), como no filme “Fences” (2016), as cercas servem não apenas para impedir a entrada de indesejados, mas também para que ninguém saia (aqui, lembro dos condomínios fechados, em especial os da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro) ou escape (de presídios a escolas).

“As janelas das casas são grandes e amplas coisas com apenas venezianas, sem telas” (Carta 8). As janelas são possibilidades de encontro entre o público e o privado, como descreve Gilberto Freyre (2004 [1936]). O Rio colonial apresentava um modo de vida muito mais voltado para o interior que o exterior. Isso é atribuído como uma herança ibérica, relacionada a presença moura nessa área. Na rua encontravam-se os escravos, os ex-escravos e as pessoas livres pobres. A elite branca não se encontrava à rua. No urbanismo colonial, não existiam muros e cercas. Entretanto, o interior estava bem guardado. As janelas geralmente apresentavam em seus vãos algo como uma treliça de madeira, as gelosias. Desta forma, quem estava dentro não era visto, contudo enxergava quem estava fora. Após a Chegada da Corte ao Rio de Janeiro, D. João, na condição de príncipe regente, ao se deparar com janelas sem vidro, ordenou que fossem substituídas (CAVALCANTI, 2004). A Corte necessitava ser vista em seus cortejos. O público, então, invade o privado. Quem vê, pois, também é visto.

Mais de cem anos depois, em 1925, as janelas continuam a não apresentar tela, e são mantidas fechadas com frequência, conservando firme os limites entre dentro e fora. Neste ponto, cabe mencionar outras cartas, nas quais as janelas igualmente são tema, mas em outras localidades. Continua a incomodar o casal a falta de vidro nas janelas: “Durante o dia nós não podemos fechar a janela porque escurece [o cômodo] uma vez que as janelas são portas de madeira, ao invés de vidro” (Carta 155, redigida durante trabalho missionário na cidade de Rosário Oeste/MT em julho de 1927). Ainda intriga o fato de todos fecharem a janela à noite, mesmo em períodos de muito calor: “Brasileiros, nos disseram em diversas ocasiões, são bem medrosos em relação ao ar noturno, assim, fecham

completamente suas casas ao invés de abrir as janelas e permitir o ar fresco circular” (Carta 12, escrita em passagem por Santos/SP no mês de setembro de 1925). Na Carta 79, enviada quando moravam em Cuiabá, mais um relato expedido em maio de 1926: “Muitas casas são totalmente fechadas durante a noite, janelas e portas trancadas. O ar noturno é considerado muito ruim. [...] Nossa casa é completamente aberta”.

Não podemos esquecer, todavia, pode ser um sintoma da falta de confiança, ou, mais do que isso, medo. Muros altos, cercas de ferro, janelas sem vidro – não estaríamos diante de paisagens do medo (TUAN, 2005 [1979])?

Para Yi-Fu Tuan (2005), paisagens do medo “são infinitas manifestações do caos, naturais e humanas” (p. 12). Cabe, neste ponto, uma observação. “Paisagem” é um dos conceitos-chave da geografia, alvo de profundas discussões no meio acadêmico, mas não se qualifica como foco deste trabalho. Neste bojo, embora o conceito de lugar seja o que de fato recebeu a atenção do enfoque humanista em geografia, e se confunde com a sua trajetória, a relação paisagem/simbolismo também foi explorada. Esse horizonte do pensamento geográfico, vale frisar, com base em Holzer (1999) e Melo, Vera (2001), debruçou-se e continua a pensar a paisagem em seu viés simbólico, pois “as ações humanas só podem ser entendidas por meio de teorias que considerem seus significados, valores, propósitos, objetivos e aspectos subjetivos” (MELO, Vera, 2001, p. 32). A paisagem, dito isso, apresenta-se muito mais do que uma porção do espaço apreendida por um golpe de vista (HOLZER, 1999; MELO, Vera, 2001, MEINING, 2002), sendo “composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes” (MEINIG, 2002, p. 35). Finalmente, a síntese de Tuan (2005, p.8) é útil para o melhor entendimento do que seriam paisagens do medo:

“Paisagem”, como o termo tem sido usado desde o século XVII, é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável. “Paisagens do medo” diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real.

Neste nicho, mesmo as pessoas, algumas responsáveis por nos transmitir aconchego e segurança, podem ser a fonte mais comum de nossos medos. Nesse entendimento, os indivíduos podem

ser indiferentes às nossas necessidades, trair nossa confiança ou procurar diligentemente nos fazer mal. São fantasmas, bruxas, assassinos, ladrões, assaltantes, estranhos e agourentos, que assombram nossas paisagens, transformando o campo, as ruas da cidade, o pátio do recreio da escola –

planejados para o desenvolvimento das pessoas – em lugares amedrontadores (TUAN, 2005, p. 14).

Toda a construção humana é uma tentativa de ordenar o caos, embora sua aparência, por si só, se constitua um quadro de paz. Os muros e cercas podem proteger um refúgio, “mas o refúgio implica ameaça: uma ideia leva à outra” (TUAN, 2005, p. 13):

todas as fronteiras construídas pelo homem na superfície terrestre – cerca viva do jardim, muralha da cidade ou proteção do radar – são uma tentativa de manter controladas as forças hostis. As fronteiras estão em todos os lugares porque as ameaças estão em toda a parte: o cachorro do vizinho, as crianças com sapatos enlameados, estranhos, loucos, exércitos estrangeiros, doenças, lobos, vento, chuva (TUAN, 2005, p. 12).

Das fronteiras do medo, do deslumbramento, da alegria, da surpresa e de tudo mais concernente aos encantamentos e estranhamentos do lugar, à confusão de fronteiras de pertencimento, a perspectiva de Roy e Evelyn se complica e a observação enquanto alguém “de fora” é tensionada pela experiência de moradia, mas eles não são exatamente pessoas “de dentro”, e seus relatos acabam sendo produto dessa contração / estriamento, em condição de fusão com o lugar, justamente o próximo capítulo a ser conferido.

Figura 16 - Carta 216 29/09/1941 (continua)

Baruary, S.P.S.,
São Paulo, Brazil,
Sept. 29, 1941.

See list
attached -

Dear Friends in the Home Churches,

A most refreshing, messy and encouraging letter came yesterday from my District Field Correspondent who so kindly relays my letters on to you. She is Miss Elizabeth Waltham of Chicago. As a result, I have decided to let the pile of uncorrected examination papers and notebooks lying before me on my desk go until a more convenient season and write to you. We are almost at the close of another wonderfully fine year, and most of you haven't heard one word about it!

First of all, last Saturday night, we had electric lights in the school dining room and in the Assembly Hall for the Literary Society meeting for the first time. Almost gone are the days of the kerosene lamps! For fourteen years we have looked forward to punching buttons instead of filling lamps and cleaning lamp chimneys—not to mention the strain on eyes. We don't want to give the impression that we don't live in a civilized country. We do, but it so happens that neither the Light and Power nor we had funds to put in a private line to bring light from Baruary, four kilometers away. A recent visit from a Brazilian family of means solved the problem with a generous and all-together spontaneous gift which will not only give us an electric plant of our own, but also put windows in the almost-out-of-doors dining room, and buy a good number of new books for the library. A second-hand Chevrolet motor, run by gas made by a charcoal burning outfit (perhaps some of you understand it—I don't!) and a General Electric dynamo are installed in a little brick house made in part by student labor. Members of the physics class are having a valuable laboratory course in helping with the installations. Their enthusiasm and excitement at seeing it work remind me of our eight-year-old Charles with a new mechanical toy. We are most thankful to God for the solution to what has been perhaps our greatest need in physical equipment. A small infirmary and four new rooms built onto the girls' dormitory are other signs of progress this year. Just now there is an epidemic of planting of new shrubs and flowers around the buildings—all the initiative of the students. Such evidences of civic spirit are the best argument for the J.M.C. system of freedom and responsibility given to the students. It does develop character in a way that too much vigilance can't do.

In the June holidays we had one of the most soul satisfying experiences of our lives—another evangelistic tour with thirty-six picked voices from the A Capella Choir, this time to the national capital, Rio de Janeiro, certainly one of the most charming and beautiful cities in the world. I do wish I had words to help you catch the spirit of it. We spent ten days in Rio and gave the entire worship service of music in the eleven principle evangelical churches of the city, aside from singing several numbers in the meeting of the Presbyterian Synod, and in the closing session of the national Congress of Methodist women. The two radio broadcasts from Rio were heard all the way from Bahia in the north, to Santa Catharina in the south, and to Cuyabá, Mato Grosso, in the far west. Many of the parents and friends of the students who come from the far interior heard the choir for the first time. It was thrilling!

Figura 16 – Carta 216 29/09/1941 (continuação)

-2-

Roy was an A-No.1 business manager for the trip. There were a thousand details in planning how to get that crowd of thirty-seven on, only six of whom had been in Rio before, over that enormous city, on electric trains, busses, ferries and what not. There were no traffic casualties and not one late arrival for any of the services. It was nothing short of a miracle. I had only the responsibility of the services themselves and actually came home refreshed and rested. Friends in Rio and all the churches more than did their part in the entertainment and in providing sight seeing trips for the students which they'll talk about for the rest of their lives. Every church gave us evening lunch in the social hall. The "tees" were as dainty and pretty as they were delicious and it was a good thing we all came home before we were thoroughly spoiled. Lunch was followed by a half-hour devotional service for the choir alone, which helped us tremendously to remember that we were singing for God's glory and not our own. We had the great pleasure of having with us on the tour Rev. and Mrs. Roger Perkins, new missionaries, known to many of you. They gave real moral support as well as substantial help in the bass and contralto sections. They each gave us helpful talks in the devotional services, using their newly acquired medium of expression—Portuguese.

Some of the Rio pastors laughingly told us they had thought us a little too optimistic in planning the trip—Rio is a big city and we couldn't expect crowds in the churches on week nights, presenting the same program night after night, it would be too expensive, etc. etc. The obstacles were great—and so was our faith! This group of young people practically all of whom are preparing for full-time Christian service, never fail to inspire. And their singing is really amazing considering their little training. The "ribs out and chins in" (to be explicit) method which I learned in Westminster Choir College and from Mr. and Mrs. Kelly in the seminary in San Anselmo, does things to untrained voices. Mr. and Mrs. Albert Ream, both Westminster Choir School graduates, of the Methodist mission, are of constant help, inspiration and encouragement. I was asked in Rio how many professional musicians there were in the group! The choir every year does improv and it is an inspiration to work with it. What pleased us most of all were the comments on every side that the students sing from the bottom of their hearts. The churches were filled to overflowing every night except in the Anglican church. There was a mistake in the announcement of the service there, as well as a Benefit for the Red Cross the same evening which took most of the British colony. The offerings of the churches and friends a little more than covered the expenses (which were high) and we believe the trip was a real blessing to the churches and the students alike. Several of the pastors, busy as they were, went night after night, listening to the same program. Beautiful hymns well sung, are like the great texts of the Bible—they go a bit deeper each hearing. As one pastor ably said, "Art put to the service of Christ."

I must tell you of the processional. It is as yet new in Brazil. When Roy went to Rio a month beforehand to make the arrangements, the pastor of one of the largest churches wasn't sure that he wanted the processional. He said the Salvation Army had "marched" into his church with their drums and other instruments and had created a near scandal using such instruments in the temple. Roy assured him we used no drums but used the processional with the express purpose of creating a worshipful atmosphere for the service, and that he, the pastor would allow it. He did like it immensely. I must quote from

Figura 16 - Carta 216 29/09/1941 (continuação)

-2-

an editorial in a recent issue of the "Mundo Cristão" (Christian World), the religious digest published in Brazil-- a literal translation. "Last June we had the privilege of hearing several times the Evangelical Musical Caravan of the Church J.E.C.... Significant and profound was the impression given by the service of the Musical Caravan Sunday in the majestic "Presbyterian cathedral".....As a choral prelude, the hymn "God is in His Holy Temple" was heard sung from the vestibule. Moments afterward, in the greatest silence, the procession entered the nave of the temple, two by two, first the girls dressed in white, then the young men in dark suits, singing "The Church's One Foundation is Christ". In slow measured steps they marched, singing in serene and reverent rhythm. The interval between the stanzas of the hymn was marked by the soft footsteps of the singers as they marched. When they arrived at the front of the church, they ascended the steps in rhythm and stood, tranquilly in front of the rows of seats where they finished singing the hymn....After a moment of silence, in order not to break the august impression of the atmosphere created by the singing, at an imperceptible sign from the conductor, the choir sat down with poise and modesty..... The liturgy of the occasion consisted of Biblical readings, prayers and choruses. There was no spoken sermon--it was not needed. The program of the Caravan presented sacred music with words of the most genuine Christian inspiration and art. Each hymn gave spiritual elevation. For example the chorus, "God So Loved the World" sung with profound sentiment and conviction, made such an impression that it silenced more than the most beautiful sermon."

Faith won out and we came home after the ten days very happy. We know you will rejoice with us with the progress these young people are making and pray with us that they may use music as well as the spoken word to win many, many to Christ in the coming years.

Our week-end activities from now until the end of the school year in November, will be to accompany the students to hold meetings in many of the churches in and near São Paulo, in the interests of the three Gospel teams who will travel during the summer holidays. We do enjoy this work. Nearly every Sunday night, from two to four quartettes accompanied by a student "preacher" visit that many churches. Two weeks ago Roy went with a male quartette to Osasco and I with another group elsewhere. I discovered that I had two tuning forks in my handbag, and the Osasco group had none---and no organ in the church. The S.S. bell was brought to the rescue. The collective judgment of the group was that the tone of the bell was second-line-Treble-clef G. It worked beautifully.

On a recent Sunday night the choir sang at one of the suburban churches of São Paulo and before the service, held short outdoor meetings under the arc light on three different street corners. The pastor of the church led the way, singing in a strong voice. Every step of the way, the crowd increased. It reminded me for all the world of the Pied Piper of Hamelin. By the time we returned to the church, a multitude was with us, too big to get inside the church building. Music and consecrated youth are an effective combination in God's work.

Beth Annabel and Charles are in the São Paulo American Graded School this year and profiting very much by the experience of school life with other children. We miss each other almost too

Figura 16 – Carta 216 29/09/1941 (conclusão)

-4-

much some times, but they are in the good hands of Mrs. Hofmann at the "Evergreens" in São Paulo during the week, and we have them over the week-ends. How thankful we are for that! They both feel the difference incity life and life in the country. On one recent Saturday night, Charles prayed, "God, make all the world have peace like ours here in Jandira".

This letter is much longer than a missionary letter is supposed to be. It is hard to get myself stopped, once I get started. We hope you have enjoyed the "Brazilian Adventures" which we have sent from time to time. There is still much to be said, but we'll save it for another time.

Each one of us does so long to be able to do something to relieve the terrible suffering and confusion in the world to-day. One thing we can all do is to keep on with our work day by day, laying the foundation for the post-war peace and progress all Christian people ev rywhere are praying! for which

God bless you all. Affectionate greetings, "Happy Thanksgiving" and "Merry Christmas" from all four of the Brazilian Harpers.

Fonte: Acervo particular da família Harper

Figura 17 – Carta 372 21/01/1952

Still home in Jandira, Monday January 21, 1952.

Dearest Annabel and Charles,

You should see us! Have we collected a lot of things in the past twenty-four years! Annabel will remember that when we moved into this new house, we disposed of a lot of the accumulation, but now we must give away, burn or bury a lot more. This morning Daddy and I have made big progress in the garage, and if it doesn't rain to wet all the things we have strewn around the back yard to dry out, we'll get the worst looked after to-day. Things inside the house, with the exception of Daddy's library are pretty well sorted. The keep-sake trunk hasn't been touched yet, and will no doubt give us a spell of "homesickness" (saudades is better) for you two.

We are certainly sorry that Bill hurt his knee and do hope that his continuing to use it on the basketball floor won't do permanent harm. It isn't right-----it's one of the big problems before the colleges and universities in their athletic programs. Did you read the article in a recent Reader's Digest on Foot-ball by a star of last year's Michigan U. team? It's a big price a star athlete in one of our colleges these days. No doubt there are many compensations too. I don't know much about it-----except that I always enjoyed the games, and wish we weren't so far away to see them now. Sister, don't forget we want the scores, especially of the Conference games.

Charles, in a recent letter, Aunt Grace says, "A note from Chuck this morning tells of his living off campus which from the standpoint of his studies could be beneficial. I'm wondering about his eating arrangements, social contacts, etc., all of which are important. I ~~quite~~ would trust him to make a sound decision but will be glad when he has time to write more about how things are going. Is he continuing his piano study?" I wrote and told her you were still waiting on tables for your board at Kenarden-----that's right isn't it?-----but no doubt it would be nice to write them a note when you have time saying how the arrangement is working out. We surely will have a letter from you in the city the next time we go there. We appreciate more than you know the fine letters you both write to us. They are wonderful to keep you close to us.

It's a beautiful day! The view from this house across the valley *this week* couldn't be lovelier. We hope to get the house ready for Rev. and Mrs. Celso Wolfe (he will work for the mission in town in the Audio-visual program and she teach about twelve hours in J. M. C. for the use of the house.) We'll take to the city what furniture we need there, and sell what we don't want to keep for the future. Just sold the "violin" for Cr\$500,00 this last week. Not sure what we'll do about the piano, but want to fix it up somewhat before selling it. I'll leave some furniture here for Celso and his wife to use. We'll uncrate the pieces of Lodwick's furniture in the Garage as needed for the "casalzinho". So "maãos a'obra"! I must join Daddy and work! Stopped to do this so the letters could get off to you.

We love you both more than words can tell you. More news and answers to your last letters the next time.

Very, very much love as always,

Arthur

Figura 18 – Carta 458 09/01/1954 (continua)

Jan. 9, 1954.

Dear Charles:

Wonderful letter from you today. May God bless you, son. We are very proud of you and thank God for such a fine, Christian character. We don't deserve such a son. Your analysis of your "call" and reasons for choice of seminaries was excellent. We know you will be used mightily in His service, and that He will lead in you day by day and year by year. We certainly have felt that God has directed our steps, across the years.

As to finances. Thanks for opening the account at the Wooster bank. You can send to NY to the credit of our US\$ Account one hundred dollars (\$100.00) in January and the rest can be deposited in Wooster. Deposit February and March, 200 dollars each in Wooster. Also April.

We are getting a blank from the Equitable Insurance company in order to negotiate a loan of \$1,000.00. Then in April we'll sell a check on the Wooster bank for \$500.00 or so, and thus have enough to pay off the remaining note at the S.P. bank which is for 80,000.00.

1. What is the minimum deposit which the bank requires to leave in the account at all times? If it goes below that minimum, what service charge do they make?

2. How much do they charge for checks drawn against the account? Do they allow a certain number of checks per month without charge?

3. How much do they charge for a Bank check?

4. Send us some blank checks by air. You can get a book of them and send out a few at a time by air in your letters. We don't need many.

5. We received a statement from the bank today, giving the balance of Nov. 23, as 199.50. You probably withdrew something after that, as you said there was 174.00 in the account.

6. As stated above, send 100.00 in January to NY.

7. " " " deposit Feb., March, April remittances from Brazil in Wooster

You had better arrange it some way whereby you can get ahold of some of this money in the bank, even after deposited, just in case of an emergency. Rather than give a blank check, perhaps a letter to the bank authorizing you to withdraw the funds might be correct. On the other hand, I could give you a blank check drawn to your name, which you could complete by filling in the amount and endorsing. Let us know how you want it.

I suppose we shall continue to send these remittances to you at the same place during the summer, then when you get out to San Anselmo you will send in a new statement to present to the bank, saying you have registered in that city. The checks then will go through a bank in San Francisco, no doubt. Perhaps at that time it will be better to open the account in San Anselmo. Or do you think of keeping the Wooster account open and sending the checks there for deposit?

We are happy about your choice of life work and the ministry. S. Anselmo is a fine place, located in the wonderful state of California, with a fine campus and faculty. There are new buildings there which have appeared since you lived at Crescent Road with us and went to the first grade and played with Donald Van Eaton. Since your college course has been in the East, your going West for the seminary course will complement it. There is a fine music department there under the Kelleys, John Milton

Figura 18 – Carta 458 09/01/1954 (continua)

2

and his wife. You will get a great deal out of that part, too. Guerdon Oxtoby, father of Wilbur, your playmate, is a fine professor. Dr. Lamont, professor of Missions, was in the group that visited Brazil last August, making the swing around S. America with the Board's crowd. You no doubt will be able to get work as assisting in some church or preaching in some church around the Bay area, which will give you experience and some money to support you. Board of Education also will give you a loan, repaid in five years' service after graduation. Your parents will continue to help you, of course, and you'll make it fine.

It will be very pleasant for both you and Annabel to be near enough to see each other occasionally. Mother and I are here together in S. Paulo, and the other half of the family will be in California, "animando um ao outro". You'll enjoy seeing Bill and watching Robbie and his sister (brother) grow up for three years.

We are very happy that you have decided to study for the ministry. God calls into many careers and matches a man's talents with the work to be done. You have the conviction that He is calling you to help people find Christ as their Savior, the inspiration of their lives, the foundation of good society and government. The world is in such shape that it needs badly such a message. You and your generation are inheriting a world from your parents which certainly has a lot wrong with it. I hope you'll have the satisfaction, by the time you get to be our age, of seeing a world in which war is no more, in which there is more "love of one's neighbor", more selflessness, less poverty, less misery, or rather no poverty, no misery, slums, racial prejudices, hatred, etc.

Guess I'll have to stop. Your mother wants this machine. I suppose she thinks you couldn't read her handwriting if she wrote a letter to you in long hand. We had fine letters from both you and Annabel yesterday. Got Annabel's at the PO about 8.00 pm after going to a wedding of a sister of D. Eunice Eastos, D. Zenilda. It was out in Brooklyn Novo, out on the way to Santo Amaro, Salgados and doces.

Love from your mommie and daddy,

Figura 19 – Carta 711 15/05/1960 (continua)

Sunday afternoon, May 15, 1960
São Paulo

Dearest Family in the USA and France:

Just mailed letters to both continents about three hours ago, and here another one. Reason: Charles has a new address for a week, and won't receive the letter until his return. And of course there is always lots to talk about.

It is a wonderful day ----- to stay at home by the fire! Yet your indefatigable father is out in the rain and cold making calls on prospective contributors to the JMC campaign. He is, as José Borges says, simply "formidável" at raising money for something he believes in. The last dinner-meeting of the campaign is to be Thursday - no next Tuesday night, and it won't be Daddy's fault if the goal isn't reached. He's going to appreciate the fire in the fireplace when he gets back.

Have just finished reading the "Estado" for today. How amazing it is, the rapidity with which the current news gets over the world. Pictures of happenings in Paris only yesterday. And Charles' letter comments on the issue of "Time" dated "May 16th" here! Good for peaceful, neutral little Switzerland deporting Russian spies. Maybe that will take some of the bite out of Khrushchev's barking the last few days. I must quote Petronio Coutinho's article which came out today about the Mackenzie situation. It's exactly right, written in a way that will not irritate the students. Bill, Ann can translate it for you.

POSSIVEL SOLUÇÃO DA GREVE NO MACKENZIE

"Deverá ser resolvida amanhã a crise que se prolonga há mais de dois meses na Universidade Mackenzie, quando os alunos da Escola de Engenharia declararam-se em greve por tempo indeterminado, até que fossem satisfeitas as suas reivindicações. Pretendendo melhorar as condições de ensino na Faculdade, em assembleia do Centro Acadêmico "Horacio Lane", exigiram os estudantes o afastamento de onze professores, sendo alguns catedráticos e com longos anos de exercício, além de outras reivindicações.

"Marchas e contramarchas se processaram, entendimentos foram tentados através de varios mediadores, inclusive pela Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie, mas, quando a situação estava prestes a se definir, com uma solução favorável, surgia novo empecilho. Dois meses e alguns dias se passaram com os alunos totalmente fora das classes de aulas e perdendo irremediavelmente um ano de estudos por excesso de faltas.

NOVA ASSEMBLÉIA

"Decidiram agora o comitê de greve e a diretoria do Centro Acadêmico 'Horacio Lane' marcar nova assembleia para amanhã, às 9 horas, a fim de deliberar sobre uma proposta de retorno às aulas. Os estudantes, porém, condicionam a suspensão da greve à ratificação pelo CTA das promessas verbais feitas aos alunos pela diretoria da Escola de Engenharia Mackenzie.

"A tarde do mesmo dia uma caravana de estudantes dos varios centros academicos da Universidade Mackenzie seguirá para Brasília, a fim de entrevistar-se com as autoridades federais. Terça-feira, os estudantes serão recebidos em audiência pelo presidente da Republica, segundo o que prometeu o chefe da Nação aos alunos do Mackenzie no aeroporto de Congonhas.

ABONO DE FALTAS

"Os estudantes irão expor ao presidente da Republica a situação na Universidade e farão um relato da campanha sustentada principalmente pelos alunos da Escola de Engenharia. Terminarão por solicitar do chefe da Nação que autorize o ministro da Educação a conceder abono de faltas aos grevistas, sem o que eles perderão um ano de estudos.

AUDIENCIA

Figura 19 – Carta 711 15/05/1960 (conclusão)

"Os profs. Peter G. Baker, presidente do Instituto Mackenzie, Antonio Luiz Ippolito, Reitor da Universidade Mackenzie, e Domicio Pacheco e Silva, presidente do Conselho Deliberativo do I.M., enviaram anteontem, dia 13, telegrama ao presidente da Republica e ao ministro da Educação, solicitando audiencia. Pretendem aquelas autoridades mackenzistas tratar com os srs. Juscelino Kubitschek e Clovis Salgado de assuntos ligados á situação criada na Universidade com a greve dos alunos da Escola Mackenzie."

So that's that. And we certainly hope it will end, and end well. The students have gotten themselves in so deep, they are now scared, especially after finding out that their trips to Rio and Brasilia to interview federal intervention from the Director of Superior Schools, and the Minister of Education, got them no place at all. We are not alone in feeling that President Kubitschek will make no promises to them, especially that he has been alerted to hear both sides before making any decision. We do hope that the students will be granted the privilege of a special academic calendar for two reasons: it will keep the majority who have been bullied into this strike by a very militant minority to make up the work lost and not lose the year, and second, it will save a very serious financial problem for Mackenzie. The professors have to be paid by law, whether they teach or not. The best thing is that the experience, difficult and disagreeable as it has been, will show the students, not only in Mackenzie, but in other schools, that the students are not directing the schools. And that in this particular case, the students of Mackenzie, spurred on by a nucleus of alumni headed by Dr. Pegade --- (general opinion)--- cannot force the federalization of Mackenzie University.

What a picture you give, Charles, of life in Tracy these days. Well, we certainly hope that Mrs. ? was the help to you that you hoped she would be, and that you have been able to take up your busy life with four children little by little. Yes, we are looking forward to that family picture, and so are your many friends down here. The three large pictures of Rob, Linda and little Bill, framed and hanging on the living-room wall above the fireplace, are admired by everybody that comes in. Now we must make room for one more. The three adult "children" are on top of the piano, as well as on top of my desk.

Charles, give our best regards to any friends (João Coelho, etc.) you may see. Jerry Meta was happy to receive the message from his friend. World is pretty small. Charles, tell us what we can send you in something small from Brazil when we have the opportunity some time. How are you off for belts? Do you have a good tie-clasp, or want one? You too, Bill?

We'll be following with the greatest interest life in Tracy with the new addition to the family, and the progress of the work camps in Algeria. Neither have we imagined that you'd be there. What next? Deus o acompanhará em tudo.

Daddy just got back. So I'm going to take the type-writer off the card table, put on a little tablecloth, and we'll have our evening lunch before the fire. What will you have? I think it will be: hot chocolate, toasted cheese sandwiches for Daddy, cottage cheese for me, vegetable salad, hot apple-sauce ----- well, here I go. See you later.

Figura 20 - Carta 457 06/01/1954 (continua)

S. Paulo, Jan. 6th, 1954.

"O dia dos Reis".

Holiday. Home.

Dear Robbie, Annabel, Bill and Charles:

Thanks for the wonderful letters which came from all recently. By the way, Chas. I believe I never thanked you for the pant holders which you sent out with your mommie for your daddy. They are quite handy. Everyone likes the bright sport shirt which Anna sent, too. Today I have stayed at home. Rackenzie closed up, although the business section was opened. We are in vacation, and so we just had a day off. Matribulation is going full steam ahead for the lower schools. Monday took in 594 thousand cruzeiros yesterday nearly 500. Just think what JMC could do with that money.

Vilela took his two children, Onelia and Carlito with him to Lavras, leaving last Monday morning on the Central. Last night after supper I read in the paper of a bag accident on the Vede Mineiro, 57 kilometers from Cruzeiro. This looked to be the line he would be using, also the train. So Evelyn, Nazare and I went down to Mackenzie to check up with a time table, and do some phoning. Shirley had Jack Sydenstricker call to Lavras and he talked with the director of the Ginásio there, who said Vilela had arrived all right and was at work in the office, and the kids were playing. That was a great relief. We had picked up Mina and then went out to Vila Mariana where D. Teo and little girl, Maria, were staying. Salim has built a house out there. She was in bed, but got up and heard the news of the safe arrival of her husband and children in Lavras. She had not seen any notice of the wreck. Just in case she did, we thought it best to go out and tell her the good news. Naturally, she was very happy and appreciative. Mina stayed there all night, and we came back home.

The car is a great blessing to us. Gets us around on deeds of mercy, on business and on pleasure. Reduced the note at the bank yesterday from 120 down to 80 thousand cruzeiros. Going to borrow a thousand dollars on an insurance policy and pay off the whole thing in four months, if possible. That is, at the local bank. It is much to our advantage thus to do, as interest rates here are 1 % per month, or 12% per year. We can get the loan from the Equitable Life for 5 %. Then if all goes well, by the end of the first quarter of 1955, we'll have the Equitable loan repaid, too.

That brings me to the subject of life insurance. No doubt Bill has already taken out a sufficient block to protect his family. My father started me off on a small policy when I was about 19 years old, I believe, and I have kept it going ever since. Union Central, 12,000.00 ordinary life. Later I took out one with the Equitable and still later with the Mutual Benefit. Charles, your mother and I think you should begin with a policy this year, before you are 21. The rates get higher as the years progress, you know. Suppose I write to Pettison of the Board and consult him as to companies and rates, etc. Then he can send you an application blank and one for a doctor to fill out after examining you. We'll pay the premium until you get on your feet, then you can take over.

Surely appreciate your getting those 200 do lar credits into NY as soon as they arrive in Wooster, old boy. We are having a tight squeeze on the US Dollar Account in NY and need the credits.

It was a glorious vacation which Chas. reports in NY with the Jordons. So glad you could go. Can just hear the laughter and singing. Your letter was sent from Pittsburgh at 5 Heinz Terrace, which means you stayed off at the summer boarding place for a good visit. Then you were off for a New Year's visit at Dover. Hope all is well and you had a fine time. Look for your getting back to Wooster for the final semester.

Your plan to meet Presbyterians in Wooster and go into a seminary for study in the fall is a piece of news of the first order. That sounds like you really mean business. If God is calling you into the ministry, you'll not be heavy in any other work. He makes His way well known in many ways. We know you are seeking it.

Figura 20 – Carta 457 06/01/1954 (conclusão)

2

San Anselmo is a good seminary and situated in a beautiful country. The Bay region is lovely. Good faculty. Good buildings. Close to Tracy where you can go for the holidays now and then. Fine music department with John Milton Kelley in charge. Union is a good school, too. Also Princeton. Jack Crowell of Elizabeth wrote that his son George is a Junior this year at Princeton Seminary. Well, you'll have to make your choice and I am sure it will be the right one.

We recommend a book which both of us read at the beach, A Man Called Peter, by Catherine Marshall. Story of Peter Marshall, who was an immigrant from Scotland and was called to the ministry and became an outstanding preacher at Washington.

Mother and I went to Rio on the Cruzeiro do Sul plane at 1.00 on Wednesday last. Went to see the Reasoners who had arrived that morning on the Argentina, and were settled at the Argentina Hotel. Walked thru Customs the next day. Got 21 volumes through for a little over five thousand cruzeiros. Included four boxes of laboratory equipment for Mackenzie. Reasonable, very. Reasoners brought a Jeep station wagon but had to wait over till this week to get it out of Customs. The stuff we got out Thursday, came up to SP by truck and is now at the Home. Reasoners should be along any day now. Feeling much better as to health. They go out to Poxoreu, Mato Grosso, east of Cuiaba.

Peter and Irene Baker are off to Pocos de Caldas for a vacation. I am trying to hold things under control at Mackenzie, with the aid of Dr. Poyado, the reitor!

So Annabel and Bill were unable to go South for Christmas. Too bad, but you had a wonderful time in your own home, from the descriptions you gave. Fine that Dad Swens could be there. Every one enjoyed it more by each one having a part in the preparation of the dinner. Lots of fun all opening presents together.

Must put the car to bed in the garage and get started myself. Tomorrow is a working day. Love from mother and dad.

Happy New Year to each and all,

Love,

Daddy

Fonte: Acervo particular da família Harper

Figura 21 – Carta 408 04/12/1952

Cx postal 8792,
S. Paulo, Brasil, S.A.
Dec. 4, 1952.

Dear John, Dell and Mary Elizabeth:

Greetings, one and all. First of all, thank you for your good letter of Nov. 24th. We were highly favored, if, as you wrote, you have some unanswered letters two years old. So do we, to tell the truth. Secondly, we are indebted to you once again for your generous check of twenty-five dollars. You shouldn't do those things, John. Nevertheless, it was good of you. Since you wanted us to use the money personally, stating that it was not mission money, we decided the thing we needed most was to help Annabel and Bill, who are having a pretty tight pull back East this year. So we just signed that good paper over to Annabel and sent it along. We were pleased at your kindness and generosity in sending the money to us; Annabel and Bill will be happy to receive the check in Springfield. So that makes four of us who have benefited from one check. Add three more people who sent the check and the number is increased to seven! It all adds up to a hearty thankyou.

Driving across the plains of Arizona and New Mexico is a different story from driving in Iowa and Illinois. No wonder the folks were late in arriving at your place. We were happy they could stop to see you, if for only a night. True Annabel hasn't met many of my relatives, at least not in recent years. She has no contacts with the Edgerton people, I fear. The reason: lack of time to stop and visit them. Our supporting churches have been so scattered and our immediate relatives have required most of our time. When Evelyn and I retire, we'll have a get a buz wagon and go see our relatives, stopping a week at each one's home. That ought to care for a year's board and room!!

The Erskines are long lived. Aunt Hattie is still wanting to move at 91. Mumsey is 86, and I am 57. One year creeps up on another and the first thing one knows another decade has passed by. Wonder what it'll be like to pass 60. I still think of myself as a youngster, but Mary Elizabeth probably would have other ideas.

Don't know about Mackenzie College not being able to do better in its choice of treasurer. Anyway it is a big job and an exhausting one, owing to the housecleaning that had to be done, change in personnel, new people to arrange, new installations to make, budgets, funds and a raft of other things. Most people are kind enough to say things are going better than formerly. Heard someone say today it was a pity the present administration hadn't started ten years ago.

Down here the schools are just getting through for another year. JMC had her Commencements last week. 13 graduated from college, 7 from Christian Worker's Course, five from High School. Last Saturday night the Campinas Seminary graduated fifteen young men. Ten of these were JMC graduates of four years ago. Evelyn and I attended all of these affairs. Tomorrow night three more JMC boys finish their theological course in another seminary in S. Paulo. We plan to go. Mackenzie will have several Commencement programs in a few days. The different schools, like High School, College, Architectural School, Engineering school, etc. all have separate exercises. We'll be ready for a vacation when it is all over. In fact we do plan to get away between Dec. 20th and Jan. 6th.

This carries much love from both of us to you three.

Abraços, as they say in
Brazil, meaning, Hugs,

Figura 22 - Carta 402 12/10/1952 (continua)

Box 8792,
S. Paulo, Brazil,
October 12, 1952.

Dearest Young Fry:

If your daddy hasn't been a good correspondent, the blame can be laid upon the work in Mackenzie, rather than upon his lack of desire and interest in the next generation. The new administration inherited a situation which required drastic changes and it has taken a lot of effort to make these required alterations. Mother has told you, now and again, of the mechanization of the auditing and treasury departments. We are still not up to date. The bookkeeping department is working on August, yet, but soon, we ought to have another story to tell. By the end of October, I hope, we can be "em dia". Then, there was the problem of hired-help. There were stories that people were chiseling, stealing goods, taking out stuff and selling it, etc. Two or three months ago, a woman telephoned to me giving me the name of one of the kitchen workers who was selling things to her neighbors at reduced prices. She claimed he was getting the stuff from Mackenzie. Would he give her name, in order not to be involved. So that was a lead. We arranged through one of the teachers, who is helping me in the administrative job, to get a plain clothes policeman to join the Mackenzie force as a helper to my office. He broised around the place a number of weeks and got the low-down on a number. One day a young man appeared in my office to inform that he ran a rooming house and one of his renters was a woman, whose gentleman friend, was an employee of Mackenzie; that this fellow constantly appeared at the house of his "amante" with packages, the contents of which he or she would sell about the place to others. He didn't know the man's name, but easily identified him, when shown his picture. He was one of the men referred to above, as a kitchen worker.

So the hand of the law went after him and took him to jail. There, he mentioned the name of the chef, concerning whom there had been unsavory stories, so he, too, was taken into custody for interrogation. While this was in progress, things came to such a pass in the Internato that three people, the chief cook, and two of the waiters, were asked to leave. Girls were put into the "copa" instead of the men, and the service and spirit is better. There was a chap who was in charge of construction, small jobs on the campus, concerning whom there was much unfavorable criticism. It was thought that he was not honest in his dealings with the school. A week ago he quit, too. Then these others who were in jail were released and quit work. Another, who was working in the employee's dining room was undesirable and he left. So all in all we got rid of seven or eight.

Have hired a sr. Pedro Eduardo, a crente from Carapicuíba, who has been working two years on the Independent Presbyterian church as brick mason (pedreiro); Paulo Borges, who has been with Cia Ford, to be our new chef; another Pedro to be in charge of the Storeroom (Deposito), Nina to be my secretary, Joaquin Nicolson Salim to be Purchar agent. He comes in three times a week, giving us three afternoons a week. We are gradually getting a better staff together. As others may go, we'll put Protestants (crentes) in the places, and after a time we'll have a good corp of workers.

We like it out here in Pinheiros, save it is a bit far removed from Mackenzie. I make the trip by "Lotação" for Cr 35,00 a trip each way. It takes 12 or 15 minutes from the house to Mackenzie corner, if a car comes without delay. At certain rush hours, though, I have to use the much slower streetcar, as there is no room in the autos. For you note it is rather difficult to get around. It would help much if we had a telephone, but we don't as yet. Have applied, but don't know when to expect one. Some months, they say.

Once inside the house we are happily located. Yesterday we went through the content of the extra trunks in the back bedroom. Your mother and I had lots of fun, she especially as she is very fond of organizing, reorganizing, wrapping up this, throwing away that. Well, we did pretty well, since we emptied two old trunks which we can send back to the garage at the home for storage, thus relieving the back bedroom of that much. The new trunk is going to sleep back there, once it is ready. Still I lack a mattress. I found it

Figura 22 – Carta 402 12/10/1952 (conclusão)

2. Kids.

Last night Chalmers and Pauline Browne and two children dropped in for awhile. They were on their way back from a vacation in S. Vicente, where they stayed at the Pensão Sta. Catarina, where we were guests some time ago. Pauline is daughter of the Landeses of Campinas, you know. They live in Jataí, Goiás.

Plans are afoot to officialize JMC by Feb. 1954. The national church is anxious that such a step be taken and the Mission has acquiesced. The Board of Directors at the meeting next month must take definite steps toward it. One of the things involved is to raise the salaries of the teachers to such a point that it will be unnecessary for them to take on side jobs, in order to increase their income. Brazilian economy is so inflated that three contos, which is the salary this year, is entirely inadequate. Falcão is to get more than that as chauffeur. Well he doesn't get house, light and water, as they do. But the salary should be at least five contos. How JMC can pay that, is the problem.

Midkiff's are getting ready to leave Brasil. Want to sell off their stuff in a short time, now. We have spoken for a rocker they have, and are debating a couch.

Chas. we were much interested in your trip back to Hooper, New York and washing. Felt very sorry for you, after going to NY to see Mrs. Cassatt, and missing her by fifteen minutes. You must have been very disappointed. Very hard traffic in NY, in getting into the place. Suppose you had a wonderful time. I, personally, prefer the open spaces across New Mexico! Why didn't you write to her, to save that long trip? Or why didn't we send you enough money in advance to take away the burden of financial worries? Driving down from NY to Washington at night, after a long, hard day, would offer certain handicaps. No less to say, we were relieved to hear that you were safely back in Hooper. The folks at Washington did pretty well by you.

We know you will do well in your new job, as Junior Counsellor of the Freshman, and in your Junior year. The US must be in a big stew now about the next elections. For whom are you folks rooting?

Annabel and Bill, Greetings. We are glad to hear that you are settled in a little house even though it isn't a big one. In later years you can spread out. Congratulations on the new job, Annabel. Hope you continue to like it. What a wonderful time you two will have there in the East, close to the famous schools of Harvard, Yale, of the cities of Boston, Cambridge, etc. It will be a rich experience which you can remember all your lives.

Well, I must close now and drop a line to the former generation, to Riverside and Washington, Iowa.

Love to each and all,

Daddy

Figura 23 - Carta 274 18/07/1947 (continua)

Please keep for file.

219

Am

Princeton, N.J.
July 19, 1947

Dear Friends Everywhere,

A thrilling piece of news came from the Travel Department of the Board a few days ago. "We have a reservation for you on Pan American Airways August 2. August 2, Miami-San Juan, Flight 225, leaving at 10:30 P.M. August 3, San Juan-São Paulo, Flight 205, leaving at 7 A.M. arriving in São Paulo at 9:10 A.M. on Aug. 4." That means that in just seventeen days, God willing, I'll be at home again, reunited with Roy and Charles, and among all the dear friends of J.N.C. The only sadness will be in leaving Annabel and the other loved ones and friends, sadness for the separation, but gladness at the same time that Brazil isn't as far away now as it was in 1933 when we first set sail for the south.

But I must go back and bring you up to date. You have been neglected friends, and we are truly sorry to have kept silence for so long as to our whereabouts. We wish it were possible to write to each one of you as we are thinking of you right now. Or better still, to make a flying trip back across the U.S.A. to see you. In lieu of either of those pleasures we are sending you this letter as a little "Until we see you again". We hope that "again" will be in Brazil, for some of you, before we come to the States the next time.

What a truly wonderful furlough this has been! We are carrying back to Brazil a host of happy memories of unforgettable family reunions and visits with friends, old and new, as well as inspirational fellowship with all the eight supporting organizations and churches except two, and we did have some contact with those two. Roy was able to visit the First Church, Peoria, Illinois, altho I am still looking forward to that sometime in the future. The Wichita Presbyterial, in Kansas, is just too far from either California where we were last spring, or to Princeton, N.J. where we have spent this last school year, for a visit at the time of the regular meetings. Yet I did have the pleasure of meeting several of the Wichita Presbyterial women at Grand Rapids, Michigan, at the Quadrennial meeting of the Women's Societies. What a memorable privilege that gathering was!

It has been a full, busy year--a year and a half for me. Not "busy resting" exactly, as Grandfather Frog said in the Burgess books, but busy feasting, physically, intellectually and spiritually. Studying at Westminster Choir College has been a dream of many years come true. All I got from that would require a long letter all by itself. I am thankful for that opportunity both to the Board and to Dr. and Mrs. Williamson from the bottom of my heart. I can scarcely wait to get back to my job of helping to make the Brazilian church a singing church, through our students at J.N.C.

The speaking in the churches too has been such an enriching experience. The contact with you, our dear friends all over the U.S., all of whom have been so kind and helpful, has been a blessing in every way, and we can never say how grateful we feel to God and to you. Now it's time to go back and, I trust, prove our gratitude in such better service to Him than ever before.

Roy and Charles left Annabel and me on Christmas night, flying back home in just a day and a half. Their letters have been as one would

Figura 23 – Carta 274 18/07/1947 (conclusão)

aspect from either of them, cheerful and always enthusiastic, tho I'm sure there have been days of discouragement. The separation of the family hasn't been easy, but we're thankful that the plan has worked out so well. Annabel graduated from Princeton High School on June eighteenth, and next month begins her college course in Maryville College in Maryville, Tennessee. It marks the beginning of the greatest adventure of her life so far.

J.M.C. underwent a general repairs and improvement job soon after Roy's return, and I am most eager to get back and see it. Roy says the students are taking pride in keeping it clean and in order, and we trust they will not become weary in well-doing before the end of the school year. Some are detailed to wash windows regularly, others to keep the walks and paths clean, others work in the gardens. The school as everyone who lives in Brazil to-day, is in an embarrassing situation financially because of the serious economic situation caused by inflation, but we know more normal times will come.

The S.S. and morning worship services at the school have been well attended, with more of the neighborhood friends interested. One couple walk the ten miles from their home to the next station, Cotia, to come the other three or so miles by rail. Twenty miles round trip on foot to church every Sunday! I wonder how many North American Christians would do that. It is some distance from the University student I heard of the other day, who, when asked why he didn't go to church, said the pews were too hard.

However it is encouraging to see the signs of renewed interest in spiritual things in North America, and we pray earnestly with you that the New Life Movement in our own Presbyterian Church may bring a true spiritual awakening in the "mother church" which will bring not only new life here, but will also make itself felt to the ends of the earth, and bear fruit in bringing peace to this troubled world.

Surely the furlough is being closed with a golden key, as Brazilians say, in the treat offered by the Institute of Theology here at the Princeton Seminary this month. It may sound "dry", but such live, relevant theological lectures I've never heard. By such leaders as Dr. John A. Mackay and Dr. Robt. E. Speer and others of the church's abdest, it has been a wonderful stimulus and inspiration. To attend only a few of the sessions has been a "lift" to make the sorting, packing and planning job go faster and better. Too, visits from our two Brazilian "sons" who are studying in the Seminary, who have glowing things to tell of their summer experiences in Young People's Conferences, are heartening beyond words.

The next will be from Brazil, and I hope not too long after I arrive there. We think of all of you often and are so thankful for the assurance of your thoughts and prayers. God bless you all. Thank you again for the blessing you are to us. All four Harpers send affectionate greetings.

Very sincerely yours,

Evelyn S. Harper.

Figura 24 – Carta 76 30/04/1926 (continua)

Cuyaba, Brazil.
April 30th, 1926.

My dear Irwin:-

Don't grow faint-hearted, young man, just because this letter is addressed personally to you. I know it is rather seldom that such a thing happens, but nevertheless it is to have no carbons spread here and there this time. This is not a concession to your hatred of carbon letters, but just a whim of my own. I guess if a fellow graduates from college, his friends and relatives can afford to send him at least one personal letter, congratulating him upon the fact.

Yes, this is a congratulatory letter. We are thinking that soon after you receive this you will be stepping up to Doc, bowing your head in the direction of his bosom, and receiving your little white scroll, showing that you are ready to commence Life's great struggle. Let's see, about five years ago this June, I stepped out. A lot of things have happened since then. Who could have told then that in five years I would be down here in the heart of Brazil, trying to learn a new tongue that doesn't want to be learned. Still we feel we are making progress, for we certainly can talk and understand a heap better than when we left Curityba.

I wonder how the spring is finding you and your studies. Hope you are not too busy to take advantage of those fine moon light nights which Monmouth usually has in the springtime. When is the recital to be? Are the folks going to drive over from Sterling? Will Lorine and the Chicago folks be there? These are questions which we are asking, but which we will not expect answered for some time, yet. How we would like to step into the auditorium and hear you perform, and also be there for the Great Doings during Commencement. Who is Chancellor this year? *Who will sing Commencement morning? How many give recitals this year? Who can* We received some second-hand news about the scrape that the Phi Sigs got into about those exams. My, I wish Doc had the guts to expel some fellows who act like that; then the performance would not be repeated so often. Something like that happened when I was a senior, a couple of fellows broke into the lab office and stole the questions, were caught, and publicly apologized before the student body.

A fellow in your position is casting about for his bearings, and I thought it might be of help to you for me to mention some of the experiences I passed through. When I was in the Navy, I had three things in mind. I wanted to enter Medicine, Ministry or Agriculture. All were attractive to me. I didn't definitely decide for the Ministry until the Des Moines Student Volunteer convention. I think, now, I should have been happier had I joined the Student Volunteer Band, then, and definitely come out on the side of Foreign Missions. I guess I just didn't have the courage, then. I knew there wouldn't be much approval of such a step at home, and so I sort of compromised the situation by lining up for the seminary. That year I was in Teachers' College at Greeley, but the following fall saw me back in Monmouth. Incidentally, I might say I am "considerably rejoiced" that I did go back to Monmouth, seeing

Figura 24 - Carta 76 30/04/1926 (continuação)

3

I have you for a brother-in-law.

Well, at Monmouth I shied clear of the Foreign Missions crowd, but kept my face turned toward the Sem. The first fall in the Seminary, I almost decided to go into Missionary Work, if God wanted me too, but I just didn't quite make the riffle. Evelyn and I corresponded about it considerably, and, under the impression that I was joining the Movement, she signed up. That made me a bit peeved, but didn't cause any serious friction. The mood passed off and I finished the year without getting any more scares. I was preparing a sermon for the young people at Muan, the following summer, and Evelyn was in an adjoining room. I can remember quite distinctly what a hypocrite I felt I was, trying to tell those young people that God had a place and a special work for them to do, and that their task was to completely surrender their lives to Him, when I knew, down deep, that I wasn't surrendered, that I wasn't willing to let Him send me to Foreign Shores. We talked it over that summer, again. Another year passed. About the first of 1924 I began to get some inner prodding. One morning in my Quiet Time, I had an overwhelming conviction that I was not surrendered and that God wanted me for work in Brazil. I certainly had a miserable time of it for a few days. I wrote some long letters to Evelyn asking her about it, I went to see the Candidate Secretary of our Board, and put it up to him this way. I told him my uncertainty, and asked him if it were a fair test to throw the responsibility upon God, and let Him answer through his earthen vessels, that is the Board of Foreign Missions. I didn't see why God wouldn't see to it that I was refused a commission, if it were His will that I should remain in the U.S. It would be easier for Him to close the door for us, than to get us started in the first place. The Secretary thought that was a fair test. He said lots of people were not accepted. Evelyn was willing that we go ahead and try, so we made out the blanks and were examined, I in Princeton and she in Burchard, or Pawnee. We knew that if we couldn't pass the physical exam all would be up. By that time we were ready to go and would have been disappointed if we had been refused. In due time we were notified that we were accepted. We were mighty happy and we were much happier than we had been for months. A great big load of uncertainty and doubt was rolled from me, I tell you. Knowing that finally I had decided for the Foreign work gave me a joy and a purpose that had been lacking. The thing I am sorry for, now, is that I didn't make that step long ago, say back in my senior year at college or that first year at seminary. I would have had a greater goal ahead of me, I would have been spared that agony of uncertainty and doubt, I would have had peace of mind, and what is also important, I would have had the fellowship of the other Student Volunteers, who were banded together for "Aid and Comfort from the Enemy" shall I say?

Now, I don't know what you are thinking, but I have a sneaking notion that you are facing this same problem. I am glad I came to Brazil as a missionary, an evangelist. But, they certainly need Medical men here. There are only two medical missionaries in all South America, according to the reports of the Montevideo Congress. South American Nationals are good doctors, but there are only too few of them, and they congregate in the cities, leaving vast stretches of country without any care, at all. Many of the people both in the city and the country are too poor to hire a doctor, and thus are deprived of his aid. If that condition exists in S.A. it also exists in less favored countries. The call of the unchristianized lands

Figura 24 – Carta 76 30/04/1926 (conclusão)

3

for the healing part of the Gospel is very impelling. I think it is a very noble calling. A young doctor can have all he wants to do, he can do surgical work till his reputation spreads all over that section of the country; he can get experience in treating diseases such as he never would get at home; he won't have to sit around a poky office and wait for Mr. Paylittle, or Mr. Growler to come in and get a bottle of medicine for his sick cat; above all he can feel that he is walking in the footsteps of the Master, healing the broken bodies of the people, who otherwise would not get attention, and thus bring them into direct contact with Christ and His principles. A doctor connected with Christian missions has a great influence.

There was a doctor at the New York Conference last year named Wanless, who had spent nearly forty years in India. During that time, as a sideline, he had operated on ten thousand people for cataract. What a wonderful history. He had started with a little old building, with a room or so as a hospital and had built up a large and efficient institution. That is a work that counts.

Perhaps God has other work for you to do. I don't know. That is for you to find out. But if it is His will that you do Missionary Service, you'll never be happy until you definitely decide to enter that kind of service. If you go through your Medical course uncertain, undecided, you'll have a sort of restless feeling, and you may lose some good chances at influencing other fellows. If you have really surrendered your life to Him, if like Christ you really want to do the will of Him who sent you into this world, then why not put the responsibility on Him? Why not definitely say you are mighty interested in Missions and that unless God bars your way in some plain manner (as failure to pass the Board's examinations, etc.) that you intend to give your life to Foreign work. Why not throw yourself on God and let Him do the worrying? I know you'll be a heap more satisfied. You'll be happy. You will be looking forward to the time when you can get thru the Medical school in order to jump into the work. Besides, as you are coming into contact with young highschool fellows the next year, if you teach, who knows but that you may thus be enabled to encourage some other chap into giving his life definitely to Christian service, all because he knows you are headed into Medical Missions.

Well, this is quite a sermon isn't it? If you don't like what I have said, I'm sorry. I'm not going to take any of it back, for it is all true and it won't do you any harm to know it. I am not sermonizing at you, but merely sharing with you my own very personal experiences, solely in the hope that they may be of help to you in solving a similar problem.

Congratulations again. Regards to Grace.

Yours with Love,

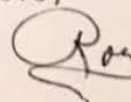


Figura 25 - Carta 168 16/10/1927 (continua)

Dragnet Ticks - Sayles' back yard engaging what
 in out in. Today reminds me of the last time I
 keep there is. Today reminds me of the last time I
 in staying when Wilbur, Larimer and I were there. In
 1934. Doubtless seems possible that's the last time I
 seen them and Ray. # Mill! I'm sorry I sent that
 1934 in Amer.
 terribly blue letter the other night. I guess it
 me good Larimeres to unload for I've felt ever
 so much better ever since. My temperature char
 looks pretty good - varied only from 98.4 in
 the A.M. to about 99.2 in the afternoon as I feel
 much encouraged. One day it was the same as
 day long. Matter quering Kocate at night always
 chases my pain. I'm a much to ever stop using
 it. I was so busy in Rosario, I stopped using
 it but began again this last week, and am
 determined to keep it up. no matter how much
 improve. ^{anyway} please don't take too serious
 all I wrote the other night. I was dead tired
 and so discouraged I even went so far as to
 think I'd die before I ever got Larimer to the
 states again. I'm going to be careful not to get
 so tired again. Then when we get to S. Paulo, Dr.
 Lane will give us back a thorough physical
 over-hauling. Ray's been bothered lately with
 his ears roaring when he gets too hot. Not such
 times, when he talks, it sounds as if his head
 were all stopped up with cold. Poor fellow he
 just now getting over a whole month's trouble
 with sores on his back and legs (ugly sore
 like boils) all caused, because of infection
 from a wee little tick we always get when
 we travel. At home his head in under the
 skin, & then sucks blood. The proper way
 get one out is to cut its body in two, put both
 down to make it release its hold, then its head
 comes out easily. To jerk one out often break
 the head off, leaving it under the skin, as happened
 with Ray. The head is just a speck, but caused
 all the trouble. Goodness - worms, bugs
 all night. Miss going to fully enjoy our 3-man
 stay in S. Paulo. // 4 (Antigen & interior / for auto. 11
 1934

Figura 25 – Carta 168 16/10/1927 (conclusão)

I'd like to answer Sister's letter but I guess
 I'll just wait until I get her new name and all.
 I'm certainly thinking about her etc. - wondering
 when the wedding will be. It makes me sick
 to be there to help Mother with the "rats," but
 with all her things - and to be at the wedding
 ceremony of course. Anyway we hope to help
 Irena and Grace get married.

Glad to receive some news from Larry Bee.
 I think I can appreciate how Darine feels.
 Her slow recovery better than any one else.
 must be harder for her not to be encouraged
 the even than I because she has two babies
 to look after. Gordon must be sweet.

Give my love to the Daugherty family
 Mother. Sorry the old lady had an unfortunate
 rat accident.

Will, as doubt, be travelling the day of
 your meeting - Nov. 17.

Mother, have I acknowledged all the
 pretty things you're sending. Will, anyone
 we both appreciate everything with all
 our hearts so much. Will have a happy time
 opening everything when we get the San
 Paulo. Mother Harper wrote she is sending
 socks and ties to Ray, and three aprons.

we - all very much needed & appreciate
 Mother & Sister, you surely must have
 enjoyed your week with Darine. Can picture
 him keeping himself to Anna Margaret's etc. as
 all the letters are just what we want. Ever
 body writes such good ones!

Mine made ice cream three times the
 last week - just Ray and I (and Christina
 is keeping her) eat about 2-quart freezer full
 now isn't that terrible? Will, that's all we have
 for supper. Give lots of love to all the
 N. etc. - This is a funny letter, but carries
 much, much love, anyway.

Ray sends love too. He's practicing his
 scribble for to night. Sounds just like a Boy Scout!

Figura 26 - Carta 176 18/06/1929 (continua)

Carta 176

Later, Friday, Jan. 18, 1929.

Dearest Folks:-

The letter I wrote the other day isn't mailed yet and several things have happened about which I want to comment, so here goes another page or so. The afternoon I wrote, a big States mail came, bringing 33 personal letters and Greetings to us besides business letters and magazines. Maybe you think we don't have some time reading the letters and talking about them on such occasions. We are looking forward to the first number of "Better Homes and Gardens" from Meryl and Hazel in California. Thankyou so much for it. The gay red Christmas greeting from Chicago containing a picture of little Bonnie hanging up his stocking, is the cutest one yet. Seeing all the various nieces and nephews of the family is one of the things we are looking forward to most when we can go home,---NEXT YEAR!

Well, we are having an honest-to-goodness flood! At least the neighbors say there has been nothing like it for twenty or twenty-five years. I mentioned the other day about the rain. It continued, night and day, until the river which separates us from Dr. Waddell's, rose about six feet or more above last year's high water mark. Our nice bridge of course went in the torrent of water, and with it our water pipe which brings our water supply from a ~~mine~~ spring on the other side. We still have drinking water for another two days or so, and after that we can use the nice clean rain water that pours off the roof. Dr. and Mrs. Waddell are like exiles on an island tho. Not even the milk man can reach them. As a rule about forty trains, freight and passenger, pass here daily. But now for two days, nothing but one little suburban has been making the trip between here and the city, and it just using one track. It was reported that to the south of us a big stretch of track was under water, and the whole line is interrupted because of landslides. About 200 yards of track just back of our house is all full of dirt now. We are fortunate, I guess, for many of the people in January had to get out of their houses because of the water. It is down about four feet from what it was yesterday, so things ought to be normal again soon. Dr. Waddell walked out on the part of the bridge still standing this morning and we talked to him from our side. Boy and the boys just now rigged up a long bamboo pole and a sliding basket to get milk, mail, bread, etc. to the Waddells. Then they can return the basket to us full of green corn. The corn is on their side. Isn't that slick?

We are having some time getting rid of the various "bitches" (may apply to any animal from a flea to an elephant) her in our house. When we returned after the big meeting, we found the whole place just simply run by rats and mice. Two nights ago, we treated them all with a nice generous helping of "Venus", a poison which gives them rat typhoid. They ate up all we put out for them, so we are now awaiting results. It is supposed to take a week, so we can't tell yet how successful it will be. The nice part about using this particular poison, is that they all are supposed to leave the house and run outdoors to die. They leave in search of water, we are told by those who have used it. We'll report later, as with all of you who are so interested in killing rats. The whole idea can credit your experience. Rat typhoid can leave typhoid on the different things, so we won't mind if we catch it ourselves.

Even more was ing than the rats, at least for me, were the fleas.

Figura 26 – Carta 176 18/06/1929 (conclusão)

-3-

The saddest part of the story is that they don't seem to like Roy at all, so I am the sole sufferer of the family. I've had only two or three decent night's sleep in the last two weeks. I honestly do believe that when the fleas hear me mention going to bed, that they all get together and line up beside my bed ready to jump up under my night-gown when I crawl in. I can put clean sheets on the bed, take a bath and wear a brand clean nightie, and inside of five minutes after getting in bed I feel a tickle someplace. For the last two nights, tho, I have them fooled. We spray my bed, the floor, and me with Flit, and as an extra safe guard I climb first on R.' bed and from it to mine! I asked Maria if they have fleas at her house and she says they do in great abundance, so she may be one of the sources of supply. I guess we'll have to spray Maria when she comes in the morning! However, we are more suspicious of the rats and also the stray dogs that come around.

We are certainly enjoying these days as far as reading and singing is concerned. We are both during much more of both than we have time to do during school. However this year, we do want to accomplish more reading by using our time to better advantage and just doing it. There is surely a much greater stimulus to keep going intellectually here that there wasn't out in Matto Grosso so far away from the civilized world. Being in contact with Dr. Waddell is stimulating in itself. One of the topics discussed in our pre-mission-meeting conference was "The missionary's intellectual life" and it showed a lot of us how easy it is to just run dry in one's enthusiasm to work and give. To grow, Dr. Waddell says and not get lopsided. Dr. Waddell says our reading should include three types of material: (1) information as to what is going on and has gone on in the world at large, our own country the States, and Brazil our adopted country, (2) one's own professional reading, and (3) reading that will give one the greatest and keenest intellectual enjoyment. No. 3 in Dr. Waddell's case, he says, is military strategy. That subject gives him more kick intellectually than any other. He has been studying it now for about thirty years and expects to the rest of his life. You should hear him when he gets started on the doings of the various nation's troops during the world war. I've been wondering just what it is that gives me the greatest and keenest intellectual enjoyment!!

This volume must be brought to a close. Since starting this last part, another mail has come bringing some more magazines, and Irwin's picture. We think we have quite a distinguished-looking and handsome young brother. None of you know how we appreciate all the pictures that come, both photos and kodak pictures.

Heaps and heaps of love to all, from Roy and

Evelyn

Figura 27 – Carta 58 09/02/1926 (continua)

Carta 58

Copy of letters from Roy and Evelyn

Burity, Matto Grosso,
Feb. 9, 1926.

Dear Ones at Home,

This can be just a note and you'll miss your regular letter this week. I am writing from Burity, the place where Mr. and Mrs. Homer Moser, two of our missionaries, have a farm, self-help school. It's about 32 miles from Cuyaba by a mule trail and 44 by an "automobile road", and has no telephone.

Evelyn got no further so I'll add a line. We want to send this down with Mr. Landes, in case he comes up this morning. Evelyn came up here last Saturday to be of help, since the little 21 months old baby boy had pneumonia and Mrs. Moser was pretty well tired out. The doctor from Cuyaba made three trips, counting the last one yesterday when I came up with him. The boy, Bobby Lahr, passed away at 4:05 p.m. yesterday, after a sickness of 10 days. It was a satisfaction to have the doctor here and to know that all possible care was given him. Evelyn has been with him a great deal since she came up. He seemed to be such a sweet little chap. They have a girl, 4 years old, left.

It certainly is a real job of pioneering the Mosers are doing here. Things here are very crude, but with courage, prayer, and faith to gether with hard work, a fine big school with equipment, is possible. They also plan for a hospital unit here.

The funeral is to be very shortly, 10:00 a.m. today, and we are hoping Mr. Landes will arrive from Cuyaba to conduct the service. If he doesn't come, I'll be glad to assist in the small way I am able. It has been raining hard for a couple of hours but has stopped now.

Evelyn made a new suit for the little fellow yesterday afternoon and last night, and we dressed him today. He looks very sweet and peaceful. She is lining the coffin now. A carpenter here made a small one. It's going to be very sad but it has to be gone thru. We'll all be glad when the service is over. Burial will be nearby.

Must go. Love,

(Signed) Roy and Evelyn.

Burity, Matto Grosso
Sabbath, Febr. 14, 1926.

Dearest Folks,

You haven't heard very much from me lately. I've had a real taste of some of the hard things pioneer missionaries go thru. We buried little Bobbie Lahr Moser (20 mo. old) in the woods near here last Tues. mornin'. Wednesday noon, both Mrs. Moser and Roy went to bed with what I guess is gripe. Mrs. Moser hasn't had much fever

Figura 27 - Carta 58 09/02/1926 (continuação)

-4-

but is so weak and suffers almost all the time with a headache. Today it's been almost unbearable. I've massaged the muscles in her neck etc. but there's one very sore spot at the tip top of her spine that can hardly be touched. She's resting easier just now with a hot bottle under her head. If she's no better by tomorrow morning, we think we'll send for the doctor, tho it does cost \$30. for a car to bring him plus what he charges for a day's time. Roy gave me quite a scare last night when his temperature went up to 39.5(C) or 103 (F). He's much better today with his temperature down to 37.7 just now. I never knew what a strain it is to be so far away from a doctor. There's no car here to send and it's 8 hours (at least) on mule back to town and then it would take at least three or four more hours for the doctor to come. There's no telephone of course. Sister how I've wished for you! I think you'd all be surprised at all I've done this week. I've learned a lot out of my "Home Nursing" bulletin from Ames and a book put out by the gov't about the diagnosis, prevention and care of disease, that Roy used in the navy. I've been following directions the best I could.

Roy and I have both learned a lesson. We got along fine Wed. and Thurs. I gave him lots and lots of the good water they have here to drink, and my! how he sweat. It's not because it's hot here either. The first two nights I changed the sheets and his pajama suits four times during each night. Spells of chilling and sweating made me fear malarial fever for a day or so but he showed no other symptoms. Friday A.M. Roy's temperature was 37.5 and we thought a man from a little villa several miles beyond here was going to Cuyaba in a truck and we decided to go along, so Roy could be near the doctor. He should have known better for it's such a hard trip. Roy got up and felt pretty good. The man didn't come, I'm thankful to say, for the exertion of getting up and moving about made his ~~temperature~~ temperature go so high yesterday. He's getting along fine now I believe. And we're going to stay here at Durity until he's all well and strong again before making the trip home. Mr. Dias, the first "orente" in Cuyaba when Mr. Landes came, lives at the villa beyond here and goes to town every week for supplies and we'll go with him in his truck. I do hope Mrs. Moser gets along well too. Her temperature is higher tonight. Mr. Moser is a big help tho he has his hands full with other work. There's a wonder of a servant in the kitchen, a good Christian negro girl, who cooks for the five or so men who are doing repair work on the buildings, and also cooks for us. She helped me rinse out and hang in the sun this morning six sheets, four pajama suits, six towels, 4 pillow slips, etc. that Roy got all wet with perspiration yesterday and last night.

Little 4 yr. old Ruth Moser is such a good little girl. I'm thankful to say. Her head is getting along fine. Or I guess I didn't tell you that the day Bobbie Lohr died, the doctor lanced about the worst and ugliest sore I ever saw, on little Ruth's head. It was made by little worms, barnies, they're called, that get under one's skin, hatched from eggs that a kind of fly puts there. It was right on top of her head and was swelled up like a hen's egg. I never saw any place with as many different kinds of "bichos" that bite and cause trouble.

I wish I had time to described the buildings here, but will do that later. Let me say that our little mountain cabin in Glen Haven was like a city apartment compared to this. Mr. and Mrs. Moser are making the greatest sacrifice to come up here and run this school.